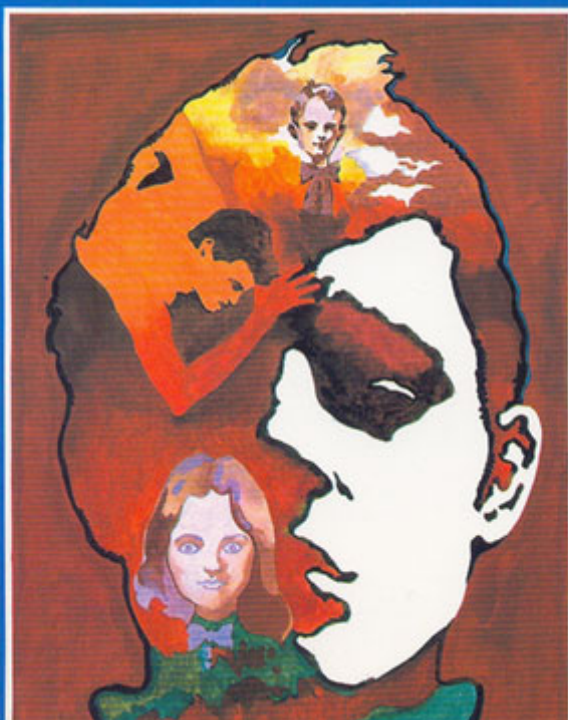


Visão Espírita nas Distonias Mentais

JORGE ANDRÉA



ed



Dr. Jorge Andrea

Médico e expositor do Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Visão
Espírita nas
distorções
mentais

VISÃO ESPÍRITA NAS DISTONIAS MENTAIS.

Jorge Andrea.

O conceituado Psiquiatra Dr. Jorge Andréa esclarece sobre as distonias mentais e seu relacionamento com o Espiritismo, frisando que se trata de “Um simples apanhado de sintomas psiquiátricos e suas correlações espirituais”.

Ao enfocar assuntos psicológicos, psicopatológicos e psiquiátricos, demonstra o autor, convincentemente o alcance do Espiritismo na compreensão e solução destes assuntos, que apesar dos seus inegáveis avanços a ciência médica terrena nem sempre explica satisfatoriamente.

Demonstra ainda que, a maioria das patologias da mente apresentam vínculos nos comprometimentos das leis de ação e reação e que a associação entre processo obsessivo e as mesmas é a tônica dominante.

A todos aqueles de idéias maiores que, de modo direto ou indireto lançaram em nossas vidas as luzes do esclarecimento, dedicamos este livro.

Não existe caminho fácil; não existe fim no que buscamos. À medida que alcançamos metas, sempre surgem novos eventos. Nas estruturas do Espírito o homem se mostra infinito.

LIVROS DO AUTOR

Novos horizontes da parapsicologia. Ed. Sabedoria, Rio 1967 (esgotado. Assuntos refundidos em livros posteriores).

Energias espirituais nos campos da biologia. Ed. Fon-fon e Seleta, Rio 1971. (Esgotado. Assuntos refundidos em livros posteriores).

Enigmas da Evolução Ed. Caminho da Libertação, Rio, 1973, 1ª Edição; 1980, 2ª edição. (Esgotado. Assuntos refundidos em livros posteriores).

Dinâmica Espiritual da Evolução Ed. Fon-fon e Seleta, Rio, 1978, 1ª edição, 2ª edição. (Esgotado. Assuntos refundidos em livros posteriores).

Nos alicerces do Inconsciente Ed. Caminho da Libertação, Rio, 1973 1ª edição, 1980, 2ª edição.

Palingênese, a grande lei Ed. Caminho da Libertação, Rio, 1973, 1ª edição, 1980, 2ª edição 1990, 3ª edição. Versão castelhana Palingenesis, la gran ley, trad. Wido Mardini, Colômbia, 1985.

Energética do Psiquismo. Fronteiras da Alma. Ed. Caminho da Libertação, Rio 1976, 1ª edição, 1978 2ª edição.

Psicologia Espírita Ed. Fon-fon e Seleta, 1978, 1ª edição, 1980, 2ª edição, 1982, 3ª edição, 1986, 4ª edição.

Forças sexuais da Alma Ed. Fon-fon e Seleta, Rio, 1979, 1ª edição, 1987, 2ª edição Feb.,

Os insondáveis caminhos da vida Ed. Fon-fon e Seleta, Rio 1981, 1ª Edição, 1990, 2ª edição.

Encontros com a cultura Espírita Em colaboração com Deolindo Amorim, Altivo Ferreira e Alexandre Seck. Casa editora O Clarim, Matão, SP., 1981.

Dinâmica Psi Ed. Fon-fon e Seleta, Rio 1982.

Correlações Espírito-matéria Ed. Samos, Rio, 1984, 1ª edição, 1990 2ª edição.

Enfoques científicos na Doutrina Espírita Ed. Samos, Rio, 1987

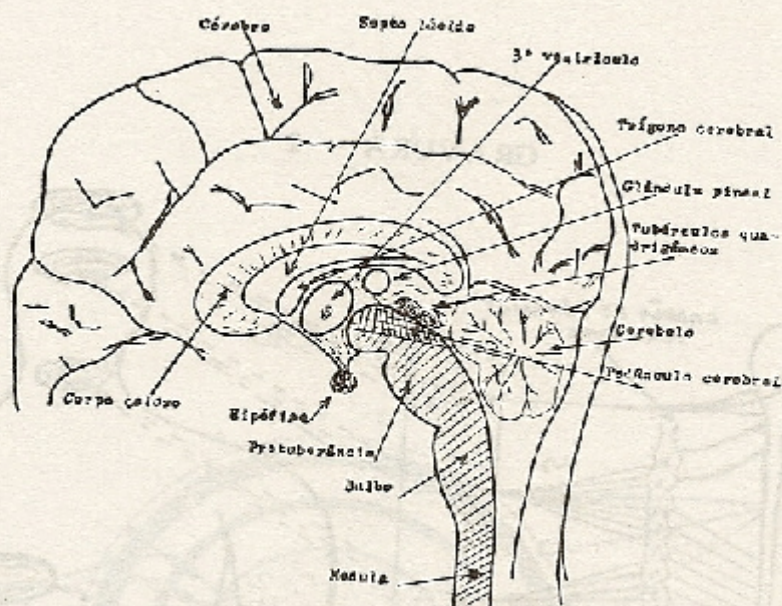
Impulsos criativos da evolução Ed. Arte nova, Nitéroio, 1988, 1ª edição, 1989, 2ª edição.

Lastros espirituais na Doutrina Espírita Ed. Lorenz, Rio 1989.

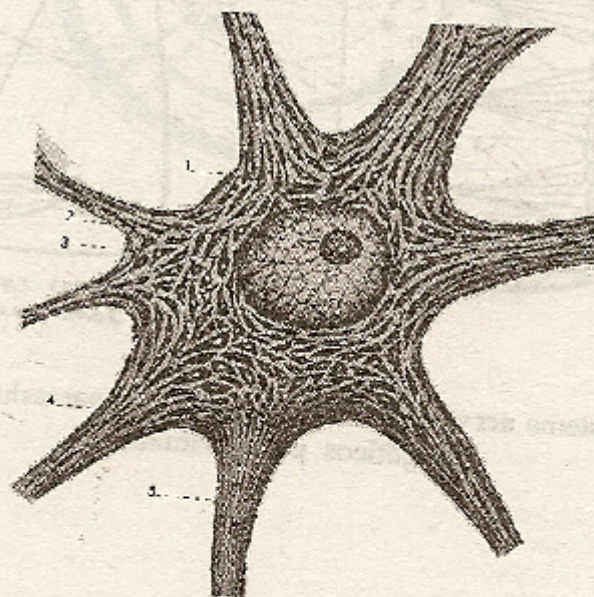
SUMÁRIO

- Prefácio-----	14
- Introdução-----	17
- Capítulo I-----	28
Psiquismo humano; Consciente, Superconsciente e Inconsciente.	
- Capítulo II-----	61
Biótipos psicológicos, doenças psicossomáticas, reflexos kármicos. Bioritmos, registros cerebrais.	
- Capítulo III -----	76
Doenças mentais: Neuroses, personalidades psicopáticas e psicose. Obsessões espirituais.	

GRAVURA - 1

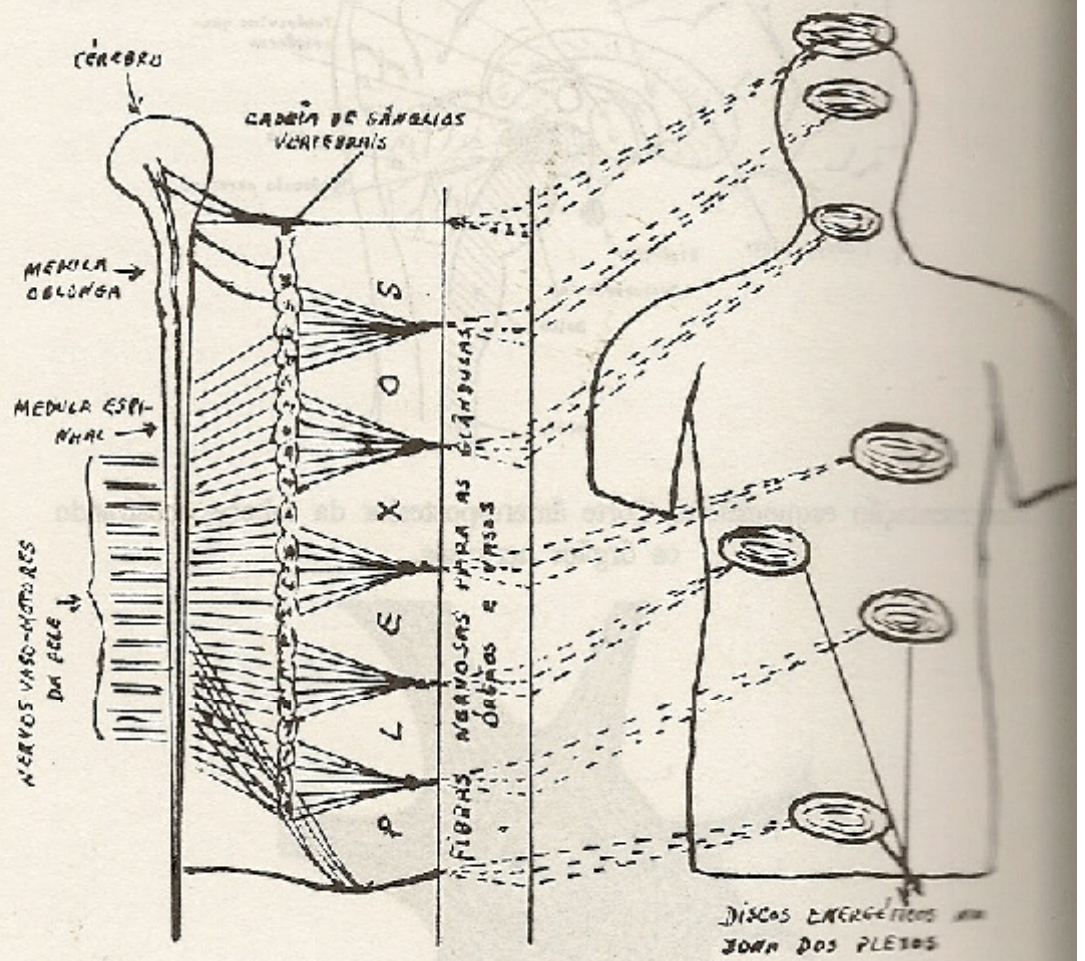


Representação esquemática: Corte ântero-posterior da cabeça, mostrando os órgãos nervosos.



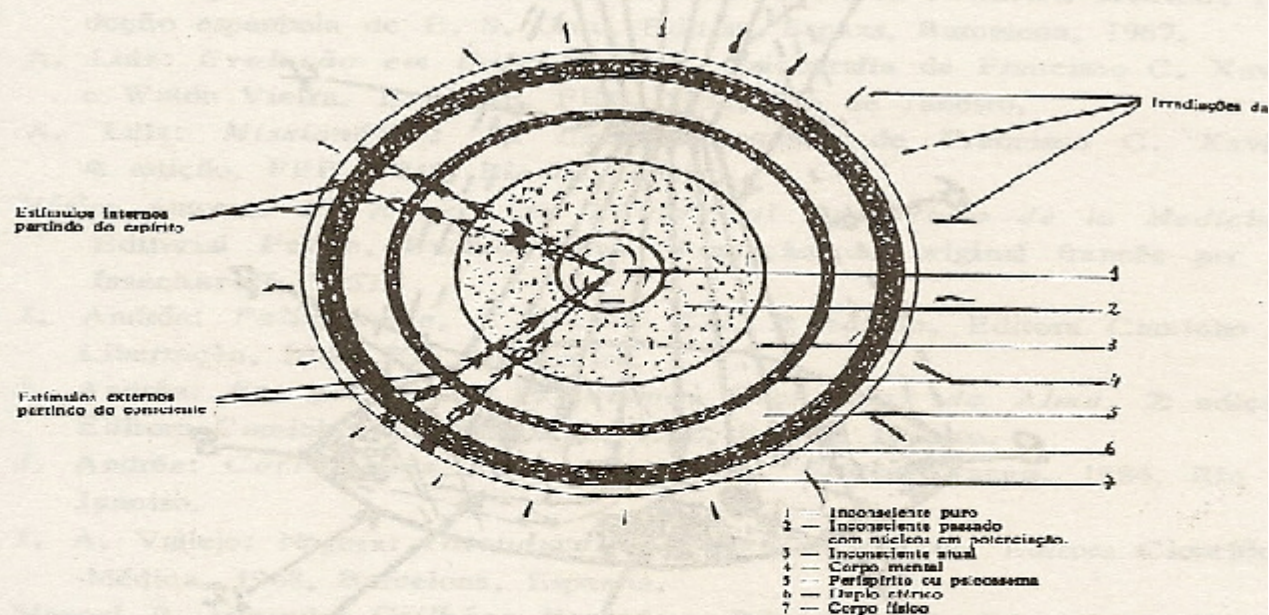
Célula nervosa ou neurônio em esquema: 1 - corpos de Nissl; 2 - nucléolo; 3 - núcleo; 4 - dendrite; 5 - axônio (Maldonado).

GRAVURA - 2

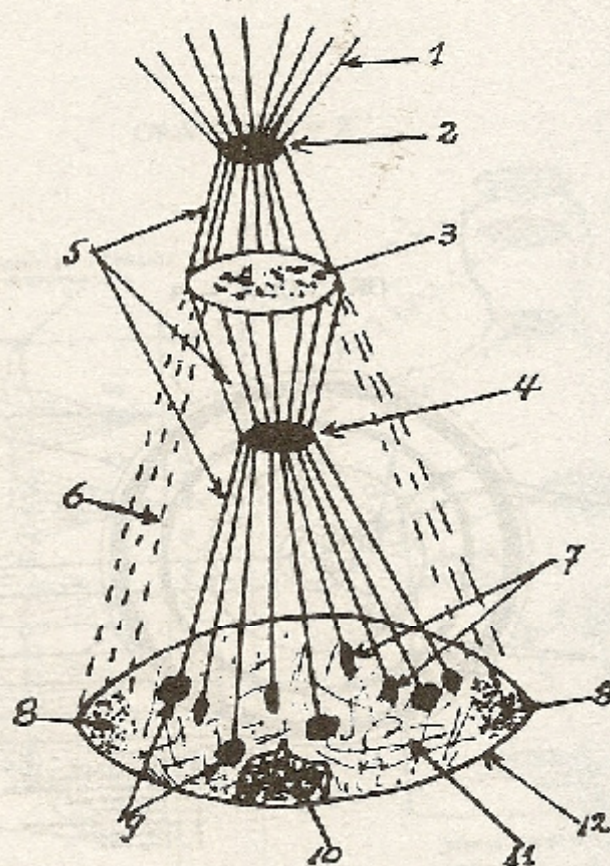


Em esquema: Sistema nervoso autônomo (simpático-parassimpático) e ~~discos~~ energéticos perispirituais.

GRAVURA - 3



GRAVURA - 4.



Correntes perispirituais da célula (esquemático)

- | | |
|--|----------------------------|
| 1 — Feixe energético do psicossoma ou perisprito | 7 — Corpúsculos de Nissi |
| 2 — Nucléolo | 8 — Mitocôndrios |
| 3 — Cromossomos | 9 — Pigmentos melanínicos |
| 4 — Centro-celular | 10 — Aparelho de Golgi |
| 5 — Feixes energéticos | 11 — Rede de neurofibrilas |
| 6 — Feixes que não passam pelo centro celular | 12 — Membrana celular |

Prefácio

De há muito vínhamos pensando em escrever sobre as distonias mentais e o seu relacionamento com o Espiritismo. Será compreensível a dificuldade de abordagem da temática tem em totalidade. Seus capítulos são imensos e eivados de fatos desconcertantes.

Por tratar-se de visão conjunta, será antes de mais nada, uma síntese sobre o modo sobre o qual conceituamos o psiquismo e suas correlações com o nosso atual momento evolutivo.

Desejamos asseverar que não estamos apresentando um estudo complexo, com grupos estatísticos de observações, e detalhadas citações, mas, um simples apanhado de sintomas psiquiátricos e suas correlações espirituais, mostrando pontos que não tiveram as necessárias e devidas anotações. Muito já se sabe a respeito, porém pouco se tem escrito.

O livro não se destina especificamente, aos psicólogos e psiquiatras, em trato diário como a doutrina espírita e já possuidores de avançados conhecimentos, mas para os de atividades outras interessados nos assuntos psicopatológicos e suas correlações espirituais.

A temática em questão está a exigir compreensão e boa soma de interesse, o que não acontece com os indivíduos tendenciosos, de pouco conhecimento e mínimo adestramento espiritual. Quem se distanciou dos fatos envolvidos com as razões espirituais não possui uma aceitável medida psicológica na avaliação dos mesmos.

Na abordagem dos temas tivemos o cuidado de conceituá-los sem idéias preconcebidas e radicalizadas. Os assuntos referentes ao Espiritismo, pelos mais diversos motivos, foram, aqui e ali, salientados em suas respectivas angulações, o que motivou pequeno capítulo à guisa de introdução.

Propositadamente houve uma redução de citações e informações bibliográficas, a fim de evitarmos descrições extensas, quase sempre inconclusivas. Nossa intenção foi despertar interesse sem criar polêmicas inúteis, tentando uma abordagem dentro das vivências e observações da natureza psíquica humana, em seus aspectos hígidos e patológicos

Há, no momento atual, sem sombras de dúvida, uma forte necessidade de avanço e lutas pelos ideais lógicos e coerentes, a fim de suplantarmos as imagens fantasiosas de uma coletividade que deve fazer parte do passado. No desfile dos dias de hoje, a razão como lastro das emoções humanas, deve ser devidamente equilibrada e ajustada, a fim de propiciar novos impulsos para mais avançadas formas de consciência. As luzes de um dignificante futuro despertarão se insistirmos no estudo e esclarecimento dos fatos que nos cercam com o bom senso dos sérios.

Com essas páginas desejamos cooperar em apontamentos que não são novos, mas que devem ser abordados, discutidos e avaliados, com os potenciais da atualidade psicológica; os dias que transcorrem exigem adequadas respostas. Cremos que, se o trabalho de todos os interessados contiver boa dose de raciocínio e bom senso, participaremos da valiosa colheita de lastros das gerações futuras.

O autor.

INTRODUÇÃO

O Espiritismo é ainda o grande desconhecido. E, por ser desconhecido, é avaliado do modo mais desconcentrado possível. Os seus opositores, na maioria das vezes, pouco sabem da sua estruturação filosófica, científica e ética.

O combate, quase sempre, é gratuito, existem casos de aversões, com certa dose de medo, desencadeados por informações defeituosas e sectaristas. Em dias que não se vão longe a visão deturpada alcançou tal ponto que alguns chegaram a acreditar ser o espiritismo fábrica de debilidade mental. Hoje, no entanto, já não existe tal procedimento, ao menos nos que raciocinam, observam e estudam. Os hospitais espíritas em suas estatísticas têm mostrado posições animadoras com os doentes mentais pela utilização de terapêutica eclética e os novos métodos alternativos, sem descaso com o que já foi conquistado pela Ciência.

Espiritismo é doutrina dos novos tempos, com a mais perfeita estruturação psicológica que se tem conhecimento. Representa uma verdadeira revolução para as idéias universalistas. É Doutrina de simples apresentação, mas complexa em sua essência por abraçar todos os ramos do conhecimento humano. Os seus conceitos além de alcançarem a realidade do dia-a-dia oferecem condições e valores ideais para a conduta humana.

A finalidade do espiritismo é a busca do conhecimento do mundo espiritual e suas manifestações na dimensão física naquilo que se pode alcançar. Sabemos que com a nossa inteligência percebemos muito pouco. Bem claro que nosso psiquismo não se encontra parado; ele avança, cada vez mais, no programa evolutivo da vida, o que propicia progresso em nossas percepções.

O relacionamento entre os dois mundos (físico e espiritual) é acontecimento bem habitual mostrando-se com espontaneidade ou mesmo em condições adrede preparada. Tem por finalidade precípua a instrução é conhecimento de outros horizontes da vida.

Nossa visão ao lado de outros sentidos, muito pouco arrecada do meio em que vivemos, e não pode representar a medida das coisas, embora estejamos avançados no mecanismo evolutivo.

O processo evolutivo, que em última análise será ascensão de psiquismo, atinge a todo ser vivo, basicamente em suas estruturas espirituais. Com isso os espíritos quer encarnados ou desencarnados, variam em seus conhecimentos de acordo com o grau evolutivo em que se encontram. Asseverou Kardec com precisão: “Essa diversidade na qualidade dos espíritos é um dos pontos mais importantes a considerar, pois ele explica a natureza boa ou má das comunicações recebidas; e é em distingui-las que devemos empregar o nosso cuidado.

A soma imensa dos fatos corretos atados ao intercâmbio mediúnico nos fala de um modo inconcusso e cabal da imortalidade. Fatos que tais, jamais devem ser encarados como sobrenaturais; são fatos naturais que obedecem às apropriadas leis das relações do mundo visível com o mundo chamado invisível. Em tempos outros foram considerados sobrenaturais, pela ignorância e pelo fanatismo.

O Espiritismo, possuindo angulação científica, procura estudar e entender o conteúdo de relacionamento entre as dimensões físicas e espirituais, que são de todos os tempos da história da humanidade. São estudos do mais profundo interesse científico, de benéficos resultados no alargamento dos horizontes da psique humana, possuindo métodos com específicas adequações.

O espiritismo não se detém em exclusiva angulação científica. Quando formula, conceitua e interpreta os aspectos do fenômeno, mostra o seu valor filosófico em outros parâmetros.

Um terceiro aspecto do espiritismo se revela na ética religiosa, quando aproveita os efeitos científicos e filosóficos sobre a imortalidade, reencarnação, intercomunicação espiritual e outros fatos, de modo a propiciar um íntimo estado de religiosidade, estruturado dentro de uma verdade patente – a fé em ação. Assim, o espiritismo, sem ser uma religião constituída, sem dogmas, liturgias e objetivações da divindade, possibilita o raciocínio desse conjunto de valores psicológicos alicerçados em leis inteligentes. Com isso avançam as relações humanas para com a divindade, fazendo

integração em parâmetro moral, onde o sentido religioso será sua efetiva expressão.

Todo esse bloco de idéias espiritistas desemboca no estuário da imortalidade, cujo sustentáculo se encontra no mecanismo evolutivo. Para que o processo de imortalidade se afirme, haverá necessidades de períodos de renovação, a fim de existir perpetuidade no influxo da vida. As renovações se dariam sem modificações da essência do processo, com aquisições e as constantes ampliações que as experiências através das eras podem propiciar. As renovações se expressarão diante da lógica dos fatos, perante as etapas de morte e renascimento na matéria, isto é diante do processo reencarnatório e desencarnatório.

Em face de tal procedimento, a essência espiritual continuará sempre a mesma, embora crescendo em aquisição, mediante o rosário reencarnatório. Lógico que no processo reencarnatório estaria a 'chave mestra' explicativa do infinito impulso da vida. Reencarnação que se passará em todos os níveis, adaptada às diversas categorias fenomênicas; em cada grau da vida existirá o seu próprio tipo de renovação. Onde se manifeste a vida, aí existirá a imortalidade, o campo energético imortal afirmando-se diante do processo renovatório da reencarnação.

Alhures assim nos expressamos: A idéia palingenética (reencarnatória), que atravessou a humanidade com todos os matizes das respectivas épocas, nos dias de hoje desloca-se francamente da filosofia em busca dos capítulos da biologia. Acreditamos mesmo que esse será o caminho, pela necessidade lógica de explicar hoje muitos fenômenos da vida. É claro que essas idéias se assentaram nas judiciosas pesquisas e experimentos de Crookes, Mayer, Hodgson, Geley, Schrenck-Notzing, Delanne, Flammarion, Osty, Bozzano e muitos outros. Vilela, em seu livro "Destino humano", disse que: "(...) a doutrina palingenética tem um poder de síntese tão maravilhoso que equilibra o sentimento e a razão numa harmonia superior. Ela impõe-se ao nosso espírito com a lucidez imperiosa de um axioma e a intuição profunda – visão divina – que o pensamento não sabe modelar, nem as palavras podem traduzir. Essa demonstração encontra-se em cada um dentro de si. A palingenese pela lógica que encerra é de grande aceitação na atualidade, quando a compreensão humana atinge horizontes mais amplos. Uma idéia que suporta milênios, e fazendo parte das

civilizações mais antigas da Terra, e penetrando na intelectualidade da elite, tem que possuir em seu estofo, sem sua essência, poderosos alicerces com algo interessante e real. Isto seria racional, tão pleno de lógica, praticamente respondendo por uma prova no campo filosófico.

A reencarnação é assunto tão antigo que as várias civilizações reconheciam-na como verdade, não só nos setores da religião, mas também na filosofia. Nos papiros egípcios as vidas sucessivas representava assunto costumeiro. Nos Upanishads e Bhagavad-Gitâ são alicerces do pensamento. Heródoto, em suas descrições, tratava o assunto com familiaridade. Os Essênios, os Chineses, Japoneses, os Escandinavos e os Germanos, desde que se organizaram como povo tinham a reencarnação como natural e lógica. Na Kabala e no talmude, a idéia palingenética é baseada em seus conceitos religiosos. No próprio alcorão e no evangelho a reencarnação é assunto fartamente divulgado e perfeitamente compreensível. No evangelho de João existe expressiva passagem (3:3) da visita de Jesus a Nicodemos “Não pode ver o reino de Deus, senão aquele que nascer de novo.” Mais adiante (3:7): “Não te maravilhes por eu te dizer, importa-vos nascer outra vez.”

Os filósofos gregos de maior envergadura, inclusive a escola pitagórica, tinha a reencarnação como verdade e conceito definido, única capaz de elevar as razões filosóficas do destino do homem. Em Ovídio e Cícero o fenômeno reencarnatório é ventilado com naturalidade e razão pura.

Os filósofos mais recentes como Hume, Leibnitz, Schelling, Schopenhauer, escritores como Goethe, e todos os pensadores que no século passado construíram as bases do espiritualismo, com trabalhos de honesta comprovação, apóiam a palingenese, não só como fenômeno aceitável, mas, principalmente, como necessidade lógica.

O fenômeno reencarnatório oferece condições que traduzem a evolução como infinita, sem privilégios, de conquista lenta e harmoniosa, sendo a dádiva de todos pelas aquisições adquiridas através do s tempos. A palingenese é o único processo que assegura o porquê da imortalidade da alma, a razão da pluralidade das existências e dos mundos com suas imensas formas e moldes

evolutivos. Com isso em nosso planeta alcança todos os reinos da natureza com as nuances que lhe são próprias. Do mineral ao animal, a palingenese é a palavra unificante e de ordem, única capaz de explicar a razão de ser da vida em seus multifaces aspectos.

Somente a reencarnação poderia explicar o desequilíbrio e as divergências das condições dos nascimentos, com todas as seqüências dos fatos sociais que se impõe. Todo ser será justificado em face das suas próprias obras. As experiências, realizações, emoções positivas e negativas, faltas, tudo, enfim repercutirá no próprio EU. O resultado estará ligado à conduta de cada um, e, para que a evolução se positive, só o trabalho e o esforço tem sentido e significado real. Não importa como uma bandeira religiosa possa oferecer salvação; esta representa exclusivamente a aquisição de cada um nas realizações e cumprimentos de deveres. O aspecto externo, o que se aparenta, o que se diz e afirma, nada representa em face do que se faz e do que se constrói e cria.

As desigualdades dos seres só poderá ser explicada como escala evolutiva, e todos, sem privilégios nem exceções, passarão pelos mesmos roteiros e oportunidades, não importando a época, porquanto a eternidade não poderá ser medida nem avaliada com a nossa mente finita; só haverá sentido nas obras criadas e realizadas. Quem nada fez, ou trabalhou com potências negativas, continuará rastejando, aguardando as realizações e suplantações de todas as condições do plano onde se encontra. A evolução de cada ser, em busca de um ideal só poderá existir com a divergência de degraus evolutivos – os que ensinam e administram encontram-se ao lado dos que aprendem; estes, por sua vez, serão os orientadores do porvir.

Fator de discussão e muita incompreensão e o esquecimento das vidas passadas. O esquecimento pregresso do encarnado, este bem maior da vida, seria um véu equilibrante, evitando as naturais desarmonias se participássemos das outras vivências passadas; nossa atual cerebração não suportaria tamanha carga de emoções, impediriam novas construções psicológicas. Isto porque no estágio evolutivo inferior em que nos encontramos ainda, este proceder é praticamente um bem, uma proteção, pela nossa capacidade de avaliação dos horizontes e alcances da vida. Todas as atividades têm conseqüências, e os esquecimentos temporários determinados pelas

vivências nas personalidades, longe de serem interpretados como fator negativo, reforçam e sustentam a moral palingenética.

Vêm corroborar, no caráter moral da questão, as divergências das aptidões humanas, onde anotamos casos de gênios precoces, cuja única explicação seria a continuação de condições adquiridas em etapas anteriores, jamais como resultado direto da herança cromossômica. Se a herança fosse exclusivamente resultado do jogo cromossômico paterno e materno, os gênios, os grandes dotados de aptidões, seriam aqueles que apresentariam um sentido prolífico maior. No caso a natureza possuiria o esquema de suas defesas, os mecanismos para que a evolução se afirmasse, cada vez mais, protegendo o que fosse melhor. Assim, os inteligentes, os artistas, os mais capacitados seriam os vanguardeiros da procriação, o que realmente não acontece. Os mais prolíficos são os menos dotados. Isso seria contrário ao sábio e conhecido poder de aproveitamento da evolução.

Ainda nessas mesmas idéias, os jovens são os que possuem melhores condições procriativas em comparação com os mais velhos. Entretanto os mais velhos apresentam melhores aptidões. Até mesmo em dose superlativa em comparação com os jovens. A evolução terá que se valer e aproveitar de outros mecanismos, outros caminhos seguros, a fim de conservar seus valores; a chave explicativa estaria na reencarnação, onde não haverá perda, por menor que seja no processamento da herança.

Mozart aos 4 anos, executava sonatas e aos 11 torna-se compositor. Miguel Ângelo, aos 8 anos, foi dado como completo na arte da pintura pelo seu mestre. Pascoal, aos 13 anos, já era conhecido matemático e geômetra. Victor Hugo revelou-se literalmente, aos 13 anos. Liszt, menino ainda, já era conhecido como grande intérprete de música; aos 14 anos já havia produzido uma pequena ópera. Hernógenes aos 15 anos ensina retórica a Marco Aurélio.

Leibnitz, aos 8 anos conhecia latim sem mestre, e os aos 12 grego. Gauss resolvia, aos 3 anos alguns problemas de matemática, Giotto, criança ainda traçava esboços pleno arte e beleza, e Rembrandt era pintor antes de aprender a ler. Aos 10 anos, Pic de la Mirandola era respeitado pelos conhecimentos que possuía do latim, grego, hebraico e árabe; Trombetti, que conhecia perto de 300 línguas entre dialetos e idiomas, aos 12 manuseava com facilidade o alemão,

francês, latim, grego e hebraico. Van de Kefkhore, falecido aos 11 anos deixou 350 quadros dignos de apreciação artística. O talento musical de Beethoven fora reconhecido aos 10 anos. Pepito de Ariola, aos 4 anos, tocava áreas com maestria e foi objeto de estudo pelo professor Richet.

A prova científica e o marco que não podemos prescindir jamais, porque a reencarnação explica todas as dúvidas biológicas e, mais do que isto, amplia os conceitos e dá um sentido harmonioso às questões científicas. Dizia Geley que a palingenese é provavelmente um fenômeno verdadeiro:

- 1) Está de acordo com todos os nossos conhecimentos científicos atuais e sem contradizer nenhum deles;
- 2) Dá a chave de uma variedade imensa de enigmas psicológicos
- 3) Está apoiada em demonstração positiva.

Se colocarmos o fenômeno palingenético no mecanismo evolutivo, a vida passa a nos dar um sentido de grandeza e finalidade. A aquisição do espírito humano deve representar a elaboração de milhões de milênios em experiências variadas e desconhecidas, não ficando fora do quadro as vivências nos minerais, vegetais e animais. “O homem e seu cérebro atual não representam o remate da evolução, mas um estado intermediário entre o passado, carregando recordações animais, e o futuro, rico de promessas mais altas. Tal é o destino humano (Leconte de Nuy.).

A prova científico-experimental da Reencarnação, a de maior importância, teria um duplo aspecto, O primeiro ligado à fenomenologia mediúnica com todas as suas nuances, cujos relatos e estudos os psicólogos e biólogos não tem o direito de desconhecer. Hoje os fatos mediúnicos estão sendo revisados e mais bem adaptados aos conhecimentos hodiernos em virtude, principalmente, da queda que os audaciosos postulados materialistas tem sofrido com a apresentação da matéria como energia

concentrada. Os fatos e manifestações mediúnicas estão fartamente registrados na história dos povos que constituíram as civilizações

Em nossa época da história contemporânea, Allan Kardec, o sistematizador em cuidadosos estudos oferece á humanidade o significado integral da mediunidade. William James pai da pragmática concita os investigadores à verificação de fatos e relatos dignos de fé. O professor Ochorowicz, da universidade de Lamberg, rendeu-se diante dos estudos e experiências sobre materializações realizados por William Crookes, os quais combatia fervorosamente.

Masucci e Wallace ficam convencidos diante da realidade da vida espiritual. César lombroso aceita a imortalidade, com a palingenese, após longas e minuciosas experiências.

O segundo aspecto da prova experimental foi-nos dado com o valioso auxílio da hipnose, no campo ainda pouco explorada das regressões de memória, porém consolidada e detalhadas experiências de vários pesquisadores.

A regressão de memória, utilizada com valor científico pela hipnose, foi consequência das observações de pacientes que reviviam espontaneamente, cenas e quadros pretéritos devidamente comprovados, fenômeno este denominado por Pitres de ecmnésia. Com esse acervo de fatos, nasce a pesquisa da regressão de memória, atingindo etapas palingenéticas pretéritas, com auxílio da hipnose, cabendo como citação primeira as experiências de Fernando Colavida, em 1887. Flournoy, professor de psicologia em genebra, deu interessantes contribuições aos estudos em apreço, Charles Lancelin, Cornillier, e Léon Denis, comprovaram os fatos e ampliaram as pesquisas a respeito. Pierre Janet estuda a fenomenologia e refere fatos de interesse, embora combatendo-os. Albert de Rochas, fazendo experiências sobre as exteriorizações da motricidade e da sensibilidade, penetrou o terreno das regressões de memória, onde catalogou, de 1892 a 1910, 19 casos.

O problema da regressão de memória, perfeitamente comprovado, não está indene de dificuldades nem erros de interpretação, onde certos e determinados pacientes, possuidores de qualidades mediúnicas, podem absorver pensamentos de outras pessoas presentes, ou ressuscitar cenas e quadros, se condições de

psicometria forem evidentes. Gabriel Delanne, com apuro científico, retrata bem as dificuldades nesse setor: “Somos obrigados nessas pesquisas, a estar em guarda, em primeiro lugar a uma simulação sempre possível se temos que lidar com indivíduos profissionais; em segundo lugar mesmo com sonâmbulos perfeitamente honestos, convém desconfiar da sua imaginação, que corre muitas vezes livremente, forjando histórias mais ou menos verídicas, a que o professor Flournoy chamou de romances subliminais. Essa espécie de personificação de indivíduos imaginários foi frequentemente produzida, entre outros, pelo professor Richet, que a designou com o nome de objetivação de tipos.

Apesar disso, não podemos deixar de reconhecer o valor científico e experimental de casos que traduzem perfeitamente essas idéias. Nesse grupo podemos incluir os experimentos de Flournoy com a médium Helena Smith, que forneceu provas inconcussas da reencarnação; trabalhos de Russel Davis, o caso de Laura Raynaud relatado pelo Dr. Gaston Durville, de Katherine Bates e da senhora Spapleton, citados, ao lado de muitos outros, por Léon Denis.

Autores modernos estão fazendo renascer o método com bons critérios psicológicos. Neterton, nos Estados Unidos possui um bom cabedal neste sentido. No Brasil, muitos psicólogos e médicos estão trabalhando com o processo regressivo, e já com expressivos resultados no campo terapêutico, porquanto o processo propicia uma verdadeira catarse. Salientamos em São Paulo, os trabalhos da Dra Maria Júlia Peres, e, na Bahia, as pesquisas cuidadosas da doutora Ruth Brasil Mesquita.

Pelo visto, o processo reencarnatório encontra amparo em muitos alicerces: O científico, filosófico e ético.

Nas oscilações do processo de renovação, isto é, no dinamismo reencarnatório e desencarnatório estaria a grande lei reguladora e equilibradora da vida – a lei de ação-reação. A vida necessita de lastros, de experiências de aquisições que os fatores do meio podem oferecer. Absorvemos experiência de toda ordem, de acordo com a sintonia que manifestamos positivas ou negativas. Assim a zona ou campo espiritual poderá estar envolvidos nas malhas de fatos gratificantes e construtivos, ou de fatos reconhecidamente depreciativos. A lei reguladora, lei de ação-reação, será precisa nas

conseqüências como resultado do impulso de nossas atitudes. André Luiz autor do livro “Evolução em dois mundos” apresenta referência digna de nota: (...) enquietações de energias profundas, no ímo de nossa alma expressando as chamadas dívidas cármicas por se filiarem a causas infelizes que nos mesmo plasmamos na senda do nosso destino são perfeitamente transferíveis de uma vida para outra, isso porque se nos comprometemos diante da lei divina em qualquer idade de nossa vida responsável, é lógico que venhamos a registrar as nossas obrigações em qualquer tempo, dentro das mesmas circunstâncias nos quais patrocinamos a ofensa em prejuízo dos outros.”

A cada ação, seja de que natureza for, existirá sempre a proporcional reação-resposta com toda a gama de fatores subordinados a ela. Quando as ações estão guindadas no bem, as reações psíquicas se desenvolvem em gratificações no campo das emoções e sensações; se estão relacionadas com a maldade e o desequilíbrio, as respostas estarão sempre em posições coercitivas e quase sempre acompanhadas de dores, quer físicas ou morais. Com muita precisão a Doutrina Espírita nos diz que a sementeira é livre, porém a colheita é obrigatória, não importando o tempo-resposta, se imediato ou tardio.

É dentro dessa lei de equilíbrio que a vida se vai construindo e mostrando nas etapas de renovações (ciclo reencarnatória) as respectivas respostas. As reações-respostas (reações kármicas) sejam de que natureza forem, representarão sempre lastros experienciais e impulsionadores do espírito. Este carregará sempre as ânsias de seus impulsos perenes em se harmonizando com as devidas e precisas leis. Nesse processo de reações kármicas, devemos considerar não propriamente uma posição determinista, porquanto ação e reação estarão sempre atados a processos de consciência (caso dos hominais), onde o uso do livre arbítrio (reduzido nos indivíduos involuídos e ampliado no evoluídos) mostrará graus opcionais variáveis.

No jogo da grande lei cármica o desenvolvimento do bem poderá atenuar as reações-respostas de certos indivíduos pretéritos. O determinismo será preciso no involuído, (ausência de responsabilidade); no mais evoluído, onde o fator responsabilidade é regulador do processo consciencial, haverá as naturais variações de acordo com o grau de conhecimento.

Por tudo os efeitos da lei seriam proporcionais ao grau de responsabilidade que o ser carrega. Toda resposta cármica terá de ser entendida sempre, como processo corretivo, educacional, jamais um exigente punição.

Evoluímos com as forças do bem, que tendem a dominar as forças negativas. As primeiras estão à frente retificando e orientando as segundas. O ciclo de evolução jamais será fechado, mas, sim, aberto, representando uma espiral, em constante ampliação, progredindo ao infinito, à medida que os lastros de experiências se vão adestrando e incorporando nas fontes dos impulsos do espírito. Digamos que existiria um campo impulsionador da evolução no centro da espiral que se desloca, progredindo com esta, estabelecendo um ajustado e preciso comando. Por maiores que sejam as oscilações estariam sempre subordinadas ao campo central-diretor que busca continuamente novos parâmetros.

O Espiritismo, como bandeira ideal para uma filosofia de vida, oferece condições inigualáveis na formação de valores criativos que as fontes do nosso psiquismo de profundidade (Espírito) podem realizar. Aqueles que penetram, com fé raciocinada, nas razões da vida, produzem e criam, tornando o homem feliz. A felicidade não está relacionada diretamente aos fatores externos que o homem vai descobrindo, mas, sim, os valores que ele vai criando. Os fatores externos são quantidades muitas vezes necessárias na composição do dia-a-dia da vida, porém, jamais, suplantadas pelas qualidades dos valores criativos; os primeiros são impessoais e vagos, os segundos pessoais e autênticos; os primeiros atados ao psiquismo de superfície, os segundos estruturados no espírito, os primeiros são reflexos do intelecto ou psiquismo de superfície, os segundos resultados da intuição ou psiquismo de profundidade.

A doutrina espírita abre os caminhos da vida ampliando horizontes e mostrando as luzes do futuro promissor. Na vivência de seus conceitos, pela união e cooperação, encontramos a tão decantada harmonia de um sadio universalismo.

CAPÍTULO - I

Psiquismo humano:
Consciente, superconsciente e inconsciente

Do primeiro terço do século XIX até os dias de hoje, a Ciência desbravou, com autênticos valores, a maioria das funções animais. As pesquisas servem de alicerce para que a organização humana fosse entendida em quase sua totalidade. As funções relativas à circulação, à respiração, à digestão, aos componentes endócrinos, motricidade, distribuição estrutural dos ossos, ligamentos e músculos, à sensibilidade, ligadas principalmente aos revestimentos externos (pele) passaram a ser bem avaliados em suas específicas posições.

As células em geral, como unidades biológicas, foram definidas pela persistência experimental e necessidade de conhecimento. O sistema nervoso foi devassado, percebidas muitas de suas estruturas como centro diretor e orientador da organização animal; entretanto as dificuldades atuais são imensas na compreensão dos processos psicológicos humanos que se espriam em sendas bastante obscuras.

A tendência de um entendimento holístico está se tornando realidade em face das novas conquistas biopsicológicas. Jamais compreenderemos a organização humana se não houver um estudo de totalidade; o estudo em que o particular esteja presente no todo, em que a forma seja reflexos de impulsos internos e suas funções o resultado de comandos estruturados nesses mesmos impulsos de específicas energias.

Em dias vindouros, a projeção holística da natureza humana, será bem aquinhoada com a mais ampla definição dos horizontes científicos no que concerne aos campos psicológicos da vida. Não mais ficaremos adstritos à zona material, única entendida pela maioria; compreenderemos as razões de um psiquismo de profundidade ou zona espiritual, ainda tão ensombreada pela ciência dos nossos dias, apesar dos seus incontestáveis valores.

Abordar o psiquismo humano, sem conotação holística é como limitar o estudo de tão interessante e importante temática. Necessitamos compreender que o psiquismo não está restrito às telas neuronais. As telas neuronais em geral são o reflexo das proposições mais profundas, de outros campos psicológicos já percebidos pelas civilizações pré-cristãs e que, do século XIX de nossa era para cá, tiveram novos impulsos enriquecendo os capítulos da psicologia – Ciência da Alma – com as idéias

Freudianas bem mais situadas com as ajustadas criações e avaliações Junguianas. Anotem-se a tudo isso informações espirituais criteriosas que a doutrina espírita nos tem mostrado, com também, as observações dos estudiosos espiritualistas.

Para facilidade do estudo podemos esquematizar o psiquismo humano em três zonas distintas: o consciente, o superconsciente e o inconsciente, apesar de representarem uma estrutura de totalidade funcional. Tanto é verdadeiro que os processos intelectivos, os impulsos anímicos e a variada e imensa fenomenologia mediúnica quando em suas respectivas atividades, se interpenetram e motivam as dificuldades avaliativas para nossas percepções. Por desfilarmos e convivermos em nossas atividades psicológicas habituais na zona consciente ou psiquismo de superfície, a maioria a considera como única existente e verdadeira; são ainda percepções limitadas, próprias ao degrau evolutivo em que nos encontramos.

A tríade, consciente, superconsciente, inconsciente, representará neste estudo, respectivamente: O psiquismo de superfície, com suas costumeiras ações intelectivas do nosso dia-a-dia (consciente), o psiquismo de percepções avançadas e que farão parte do quotidiano nos futuros milênios (superconsciente) e finalmente a zona espiritual (inconsciente) onde se encontram os arquivos e potencialidades integrais do Ser.

Na zona consciente, teríamos o psiquismo limitado, superficial, que apesar de tudo, ainda não temos condições perceptivas de sua integral estruturação; na zona superconsciente, as condições seriam mais ampliadas em relação à primeira, e que estamos aguardando com a nossa nova fase evolutiva.

No consciente, nosso atual intelecto, a percepção seria como de “superfície”; no superconsciente, nosso futuro intelecto, a percepção seria “volumétrica”.

Na zona consciente, os fenômenos seriam de características analíticas; no superconsciente, as características seriam sintéticas e de colorido intuitivo. No inconsciente ou espiritual estariam as fontes de todas as possibilidades psíquicas, apresentando dimensões desconhecidas, nutrindo e orientando toda a organização psicológica, ampliando-se pela absorção de toda experiência que o ser participa no desfile da vida imortal.

O inconsciente ou zona espiritual, por ser zona de comando, vai-se ampliando sempre diante das etapas renovatórias que as renovações propiciam. Por isso devemos considerar essa zona nobre, com a sua

característica de imortalidade, de individualidade; ficando o termo personalidade para a zona física ou zona consciente, sujeita a periódicas modificações pela morte física. A zona superconsciente, por ser zona de transição, no momento atual estará, dinamicamente, mais ligada á zona do inconsciente.

A zona consciente está representada por todo o arcabouço nervoso – órgãos encefálicos, medula espinhal, gânglios nervosos e expansões, e mais sistema simpático e parassimpático. É bem verdade que as conclusões psicológicas da zona consciente se fazem com a participação do córtex cerebral e seus respectivos centros nervosos, porém, para que isso se observe, há necessidade da participação de outras áreas das estruturas físicas nervosas.

Todo o sistema nervoso, tanto o cérebro-espinhal, (gravura1) quanto o autônomo, (gravura2) constitui um complexo sistema ainda não conhecido em seus pormenores, sendo o terreno por onde o impulso nervoso se expressa, tendo no neurônio a unidade de trabalho especializado e a reunião deles, neurônios, representa as vias de condução. Eles se entrelaçam em todos os sentidos e possibilidades, com a finalidade de levar ao organismo pelas vias eferentes ou centrífugas, o influxo vital necessário, convidando-o ao trabalho para a unidade orgânica. Pelas vias contrárias, isto é, as vias eferentes ou centrípetas, são traduzidas as diversas sensações com o meio, e todo material energético desenvolvido no organismo também vai para os centros dos sistemas, pelas placas receptoras.

É, portanto, às expensas do sistema nervoso que se dará a devida coordenação entre os órgãos, equilibrando suas específicas funções. Pelo sistema nervoso o organismo pode reagir de modo mais adequado às modificações do meio, mantendo a harmonia fisiológica, a fim de que as funções mais nobres do psiquismo sejam sempre preservadas em face do plano evolutivo da vida. A zona consciente representa, nesse estudo, não só as localizações encefálicas, mas também qualquer outra situação onde haja elementos nervosos que se responsabilize diretamente por um setor

ou pequeno ângulo de atividade orgânica. Fica assim definido que não existe zona no organismo que não esteja diretamente ligada ao consciente, por intermédio de um ou mais centros nervosos de localização central ou periférica.

Sabemos que os centros nervosos cerebrais respondem por determinados setores orgânicos, e suas lesões tornam os respectivos setores danificados. É o caso dos centros da palavra, visão, audição, centros sensitivos e motores diversos; entretanto, um trabalho psíquico complexo exige, ao mesmo tempo, a participação de inúmeras zonas ou regiões, de modo a mostrar a importância da ação psíquica conjunta. Apesar de tudo as ações psíquicas conscientes são mais fechadas e estanques em comparação às ações de características superconscientes. O consciente possui limites de perceptibilidade em se comparando às ações mais elásticas e ampliadas do superconsciente.

A zona superconsciente como o nome está a indicar seria um consciente dilatado, com maiores possibilidades psicológicas, de modo a caracterizar os mais evoluídos.

Apesar de suas posições funcionais se encontrarem no cadinho da zona inconsciente, como estruturas de transição já se situam na organização física preferentemente nos lobos frontais do cérebro. Essa assertiva tem sido revelada pela traumatologia e cirurgia nervosa. A perda de pequenas porções anteriores dos lobos frontais quase nada representa de modificações na conduta e nas emoções mais costumeiras; entretanto a qualidade perceptiva de conjunto, a sutileza das emoções, a síntese dos pensamentos mais aperfeiçoados desaparecem como se não existissem – estado semelhante aos homens rústicos e analfabetos, de estados intelectuais ainda reduzidos.

Se levarmos em consideração a evolução sistema nervoso, a partir dos vertebrados até o homem, traduzimos perfeitamente, o lobo frontal como última das expansões e aquisições do encéfalo e, com a comprovação dos experimentos fisiopatológicos de nossos dias, não teremos outra resposta senão afirmarmos que os sentidos de síntese, próprio dos indivíduos mais avançados na evolução, como também os vagidos da intuição, seriam aferidos e manifestados nas regiões desconhecidas do lobo frontal.

Dissemos alhures que os fenômenos que se desenrolam no superconsciente são de tal complexidade e sutileza que, para atingirmos seus mecanismos em detalhe, necessitamos estar

situados em um plano mais evoluído, o que vale dizer numa dimensão superior; por isso o consciente não poderá jamais perceber o detalhe do trabalho superconsciente e julgá-lo. Esclarecemos entretanto, que a percepção superconsciente só poderá realmente expressar-se naqueles indivíduos que já ultrapassaram, praticamente, o degrau das percepções conscientes, isto é, avançarem na escala evolutiva.

Nas realizações do superconsciente, além da percepção há o impulso, a necessidade de efetivação. É algo comandando o impulso-de-realização, na maioria das vezes transcendendo a vontade consciente que cede diante da energética que a pressiona. É às expensas do superconsciente, que os evoluídos, isto é, gênios, cientistas notáveis, artistas bem classificados, os justos integralizados, conseguem apreender as correntes psíquicas superiores, nos grandes arremessos do pensamento, o material necessário que lhes vêm na forma de inspiração na composição de seus notáveis trabalhos. Por este processo é que sentimos Dante a criar as páginas da Divina Comédia; Pasteur a desbravar o campo científico, dando-lhe nova orientação; um Beethoven a compor ao mundo da música a incomparável “Sonata ao luar”, e um Castro Alves envolto num turbilhão de rimas e inéditos pensamentos.

A zona do inconsciente aparece no cenário científico após as idéias Freudianas e Junguianas, embora as civilizações indiana, chinesa, egípcia, seguindo-se a grega, já conhecessem muitas de suas manifestações como sendo de origem espiritual; os fenômenos desse jaez pertencem à alma ou espírito. As revelações desses eventos se encontram nos Vedas e Upanishads, no livro Tibetano dos mortos, nas proposições Herméticas, nos conceitos de Buda e Lao-tsé, e com bastante harmonia e equilíbrio na filosofia Pitagórica. Na própria Grécia, dois grandes filósofos, Platão e Aristóteles, compõem notáveis idéias traduzindo fatos da zona inconsciente.

Platão foi um precursor das noções do inconsciente chegando mesmo a encarar temas que se confundem com a psicanálise de nossos dias, facilmente expostas em seus diálogos.

Refere-se aos instintos e desejos como forças profundas da alma, onde o mecanismo sexual aflora, e se apresenta, com fortes tintas, no colorido diário da vida.

Alude às questões dos sonhos e fantasias, esclarece o mecanismo da censura, no jogo do psiquismo, de modo tão preciso que pensamos que as suas idéias ainda não foram interpretadas e estudadas na totalidade. A concepção Platônica é altamente instrutiva, sintética e sem dificuldades de uma análise intelectualista, é verdadeiramente inspiradora e concebida numa consciência avançada e mais evoluída, de modo superconsciente. Na psicologia Junguiana o pensamento Platônico é parte integrante de alguns de seus mecanismos estruturais.

Aristóteles percebeu o valor da catarse mental quando estudava as emoções da alma humana. Afirmava que as tragédias gregas, resultado de um fluxo de emoções dramáticas, substituíam os atos destruidores e anti-sociais por um lado e, pelo outro, efetuava a drenagem das emoções através da piedade e do medo. Com esses conceitos, abordou a razão de ser do poder criativo das artes.

Muitos outros filósofos, em diferentes épocas, contribuíram para a fixação da idéia do inconsciente, como, também, os pesquisadores do hipnotismo: Mesmer, Charcot, Berheim, Liébault, Braid, e, mesmo, o próprio Freud no início de suas pesquisas.

Inegavelmente cabe a Freud ter sido o verdadeiro pioneiro das manifestações do inconsciente e, como tal, o fundador da psicologia profunda. Foi o primeiro a transformar a nossa esfera interior e ver que as energias da alma são deslocáveis. A obra de Freud foi a retomada de fundamentos, o desbravamento de novo terreno experimental, a grandiosa ampliação dos campos de ação do inconsciente; uma idéia nova, quando nasce, desperta a geração que lhe pertence, proporcionando melhor penetração dos conceitos e postulados.

Freud fundamentando a maioria dos impulsos do inconsciente no sexualismo, não teve a idéia proposital de atingir tamanho alvo. Não há dúvida de que o sexo participa de uma série de fatores psicológicos, mas não é o senhor das atividades psíquicas. Ele é realmente um dos lastros do espírito; na senda da evolução é grande cooperador, mas tem seus limites.

Apesar de pioneiro, e ter deslocado o véu da alma, Freud deixou muitos espaços vazios que a moderna psicologia tem a obrigação de preencher para que a futura humanidade possa abrigar-se melhor

das moléstias psíquicas, mais arrasadoras e infinitamente mais perigosas que as doenças orgânicas degenerativas. Precisamos acabar com a trivial idéia de que o inconsciente é a consequência da zona consciente, um fosso onde existem paixões, baixezas, vulgaridades, barbaridades e crimes. Ele é também, a fonte da beleza, das artes, das ciências, adquiridas pelas experiências pretéritas e, ainda mais, a bigorna onde o martelo constante das dores consegue transformar o satânico em angelitude. Foi realmente Jung quem cultivou e ampliou essas idéias de um inconsciente rico, complexo e carregando dentro de si próprio os fatos da história da humanidade.

É com Jung que a psicologia passa a ter um sentido apropriado, mais bem elucidando os problemas do psiquismo profundo que aflige o homem inquieto. Em nosso entender a psicologia de Jung forneceu-nos as bases da ciência espiritualista de nossos dias. Foi Jung que melhores dados colheu da energética do inconsciente. Em estudando o associacionismo nas palavras indutoras e induzidas, definiu o despertar do conteúdo emocional e melhor apreciou os complexos elaborados na zona inconsciente.

Com isso demonstrou existir significação para todos os sintomas, inclusive os psicóticos, onde, hoje, buscando explicações no mecanismo palingenético ou reencarnatório, encontramos um sentido bem mais logicado e melhor definido. Jung percebeu essas idéias quando falava de seus arquétipos como profundas raízes dum psiquismo coletivo a fornecerem a energética em manifestações na zona consciente.

Para entendermos as energias do inconsciente ou do espírito procuremos esquematizá-lo dividindo-o em zonas representativas como reais campos energéticos a refletirem dimensões diversas em entrelaçamento, apesar de guardarem suas respectivas potencialidades.

Assim, poderemos figurar uma circunferência com outros tantos círculos internos, como que limitando zonas.

No centro da circunferência estaria a região quintessenciada, mais purificada, e na periferia as regiões mais densificadas, praticamente acoladas à zona física ou material.

Desse modo os campos de energias espirituais, pelas suas variações, mostram uma sucessão de dimensões, onde as mais categorizadas se encontram no próprio centro ou bem próximo dele, e as demais,

representando campos mais densificados, a se localizarem na periferia.

Se juntarmos todos esses campos, numa tentativa de mostrá-los topograficamente, podemos nomeá-los do centro do espírito até à organização física do ser, do seguinte modo:

- 1 inconsciente puro
- 2 inconsciente passado ou arcaico
- 3 inconsciente atual ou presente
- 4 corpo mental
- 5 perispírito
- 6 duplo etérico
- 7 corpo físico

A gravura 1, nos dá algumas informações, porquanto será muito difícil traduzir a variedade de dimensões que as respectivas zonas representam. As zonas energéticas, por serem campos vibratórios, estariam muito além do tempo e do espaço (campos dimensionais); porém, a fim de tentar situar essas emissões de energia é que nos valem do esquema. Os espaços na apresentação esquemática não traduzem a importância da zona ou campo, mas, no centro estaria o ponto máximo do psiquismo, e no último círculo, o da periferia ou zona física, a zona mais limitada, psicologicamente falando.

Inconsciente puro: - A zona do inconsciente puro, como centro da organização psíquica, e, como tal, dos impulsos e comandos da vida, seria uma região mais apurada do espírito. Deste centro emanam forças específicas, para nós desconhecidas, a envolverem a totalidade da psique com sua poderosa dinâmica. Este centro criativo seria o fator que iluminaria os departamentos dos instintos, afastando o ser humano da animalidade, comandando e resolvendo os problemas que traduzem óbices para a evolução. Na rede dinâmica das forças criativas do inconsciente puro, a inteligência se alarga e se projeta nas sendas do bem, o desejo se equilibra. A memória registra com harmonia, e a imaginação cria com pureza os mais excelsos matizes e as mais belas construções.

Essas energias puras representam verdadeiro departamento de controle sobre essas atividades psíquicas.

Nesses departamentos devem estar as “ações de censura”, que nossa mente a cada momento nos mostra; seria semelhante ao que

Freud percebeu e denominou de superego da consciência. Um censor deverá pertencer às zonas puras e cristalinas, no inconsciente, e não no consciente como queria Freud.

O inconsciente puro estaria constituído de elementos energéticos a desenvolverem suas atividades em vibrações aprimoradas, utilizando zona dimensional impossível de ser aquilatada e definida por nossa corriqueira percepção. O inconsciente puro assemelhar-se-ia ao que Platão entendia por “Idéia”, termo que não deve ser confundido como o simples resultado da projeção de nossa mente. A “Idéia” platônica é a causa universal, é a visão e conhecimento de uma realidade suprema, representando um avançado subjetivismo sem possibilidade de avaliação dentro dos conceitos de espaço, tempo e ritmo. Seria por excelência, a “energia criativa” em seu mais alto grau de perfeição.

O inconsciente puro, centro espiritual, seria uma área inatingível, impenetrável, como uma barreira que não deseja ceder e não necessita abrir suas comportas. Seria a presença Cósmica no Eu, abrigando os impulsos Divinos da Evolução, como se tudo lá existisse de um incontável pretérito a buscar realizações futuras, sempre mais expressivas. “Cada ser contém também o que será, a forma a que deve chegar, contém o germe de todo o Universo; não o ocupa, não é o todo, mas nele se converte sucessivamente”. (Pietro Ubaldi) Será que essa região espiritual, pela sua quintessenciada dimensão, estará relacionada às Leis Divinas, onde nos encontramos mergulhados? Não seria esse campo de energias purificadas verdadeira janela por onde as projeções Divinas nos abastecem e nutrem? Não seria essa dimensão central a responsável pelo impulso evolutivo que a Individualidade vai varando o Infinito com sua imortalidade.

As antigas filosofias faziam referência a esse centro de vida que cada ser abarca. Entendiam como Energia de excelsa pureza, imagem e semelhança da Energia Universal, uma unidade transcendente contendo todas as forças existentes. Heráclito denominada essa potente Unidade de *Logos* e Plotino definia como *UltraSer*. O *Tao* dos Chineses seria a expressão dessa transcendente integração.

O inconsciente puro traduziria um campo sustentado pelos impulsos Divinos; um estuário acolhedor dos eflúvios energéticos da Grande Lei Universal

Inconsciente passado ou arcaico: - O inconsciente passado representaria o segundo campo vibratório do Espírito, a zona que se sucede à do Inconsciente Puro. É nesta zona de inconcebível estruturação vibratória que situamos o arquivo das qualidades adquiridas através das etapas reencarnatórias da Individualidade. Todas as experiências que o indivíduo adquiriu e se concretizaram sobre a forma de focos energéticos teriam sua sede psíquica nesta zona. Os focos energéticos não seriam mais do que vórtices de específico dinamismo, por nos denominado de Núcleo-em-potenciação.

Os núcleos-em-potenciação, depositários de todas as qualidades que a espécie pode adquirir, encontrar-se-iam em vários níveis evolutivos. Assim, núcleos que ainda necessitem de absorção dos trabalhos e experiências da zona consciencial em busca de aperfeiçoamento, acham-se próximos da zona do inconsciente atual; ao passo que os núcleos que se encontra mais evoluídos, repletos de experiências, necessitando apenas de poucas condições para se completarem, aproximam-se mais da zona superior, a zona representativa do inconsciente puro. Quando os núcleos atingirem o máximo de aperfeiçoamento, em face do estágio evolutivo do nosso universo, incorporar-se-iam ao inconsciente puro, engrandecendo-se no verdadeiro centro espiritual. Nos Núcleos-em-potenciação estariam gravadas e fixadas as experiências e reações da humanidade desde os primeiros vagidos às situações ligadas ao medo, às lutas com forças desconhecidas, aos perigos diversos, como também às virtudes, ao amor e às construções do intelecto.

Pela sua localização, o inconsciente passado só manterá contato com as zonas que lhe são contíguas, isto é, com o inconsciente atual e o inconsciente puro.

Jamais estabeleceria contato com a zona consciencial, a não ser indiretamente através do Inconsciente atual. Os limites existem, as faixas vibratórias se definem perfeitamente, embora não haja verdadeiro isolamento de zonas, conforme estamos apresentando nesta descrição; assim, existe, em parte, pequeno artifício analítico para compreensão da engrenagem funcional psíquica.

Jung denominou essa zona do Inconsciente de “inconsciente coletivo”, definindo-a como uma poderosa massa psíquica herdada da evolução da humanidade, renascida em cada estrutura individual. Para nós representa parte do Eu, conquistado através das diversas etapas reencarnatórias que somos compelidos a

percorrer, absorvendo suas múltiplas experiências, daí preferirmos a denominação de inconsciente passado ou arcaico.

Dessa zona partem as energias dos núcleos-em-potenciação, as quais, atravessando o inconsciente atual, atingiriam a zona consciencial, espalhando-se sob forma de símbolos. Essas energias podem vir de núcleos evoluídos, e daí a possibilidade de criarem no consciente, projeções sadias e belas; no entanto, sendo de núcleos ainda defeituosos, portando involuídos, refletirão no consciente, imagens deficientes. Os núcleos que absorveram nas experiências de vidas pregressas, defeitos, vícios, más qualidades morais, ect..., não podem deixar de extravasar suas vibrações, que formarão no consciente desequilíbrios das mais variadas espécies. O indivíduo só poderá realizar as possibilidades que seu arcabouço psíquico contém.

O inconsciente passado se revela de alguma forma através dos sonhos, visões e quadros anímicos, representando aqui e ali, sobras de energias a se esgotarem no consciente. Os motivos de natureza mitológica ou de simbolismo da história da humanidade em geral, nesse dinamismo inconsciente foram denominadas por Jung de arquétipos.

Os arquétipos “Les Éternels incréés” de Bergson, seriam imagens de energias psíquicas a se manifestarem na zona consciente como uma necessidade de expansão. É lógico que o ponto de origem das manifestações arquetípicas terá de ser um elemento antigo, vívido, próprio da individualidade (núcleo-em-potenciação), nascido e criado à custa de profundo processo elaborativo através dos milênios, num rosário de vivências corpóreas. Jung não se distancia dessa opinião quando diz que os arquétipos sendo “órgãos da alma”, representam ou personificam certas existências instintivas da psique primitiva, obscura, das próprias raízes da consciência, não sendo idéias herdadas, mas passos abertos herdados.

A lógica nos diz que os instintos, base da personificação dos arquétipos como quer Jung, oriundos dos núcleos-em-potenciação, como pensamos nós, devem ser adquiridos através de um trabalho incessante dentro da evolução. O organismo humano, na existência que ora desfruta, possuidor dessas unidades instintivas (assunto divulgado e amparado pela psicologia de nossos dias), não pode obtê-las paralelamente com o desenvolvimento da matéria. Só o trabalho dos séculos pode explicar o capricho evolutivo e o grau sempre superior que se apresentam os fenômenos psíquicos. Essas

unidades instintivas possuem eterna presença, são anteriores ao organismo físico, não desaparecendo com a morte das mesmas; são elementos que, conjugados e após burilamentos seculares, se deslocam para o centro do psiquismo, isto é, para o inconsciente puro.

Podemos entender essas unidades instintivas como fontes de energias despertadas e construídas através dos milênios no entrelaço biológico entre os fatores ambientais e o comando interno (princípio espiritual).

À medida que as aquisições se vão fixando, na escala da vida, os instintos se vão ampliando de aptidões (núcleos-em-potenciação em construção), até que na faixa hominal, pelo processo de conscientização da organização psíquica, eles se encontram bastante elaborados, em vários degraus, refletindo a apresentação evolutiva do ser. Isto quer dizer que a organização psíquica humana apresentará variações imensas, de acordo com as vivências que as etapas reencarnatórias vão propiciando.

Assim, os instintos em constantes aferições vão sofrendo o processo evolutivo que permitirá, cada vez mais, pelas incorporações das múltiplas aptidões, uma autêntica elaboração de modo a modificar o campo irradiativo do ser. Das primitivas e violentas reações instintivas, característica da faixa animal, por maturação, projetam-se na faixa hominal, buscando no desfilar das eras, as manifestações dos mais nobres sentimentos e das virtudes aprimoradas. Como as variações são imensas e não existindo um ser igual ao outro, encontramos na faixa hominal planetária os degraus mais variados de posições evolutivas, desde a mais primária forma de pensamento ao mais alto conhecimento intelectual, desde as agressões mais intensas às sublimes manifestações angélicas. O planeta caminha na trilha evolutiva obedecendo às leis Cósmicas, com suas múltiplas e bem características manifestações da vida.

Nos degraus humanos mais simplórios, de intelecto muito pouco desenvolvido, os instintos (núcleos-em-potenciação) já evoluídos nos processos de conscientização mostram reações, muitas vezes intempestivas, de característica animal. Chamemos esses vórtices instintivos de instintos de 1º geração.

Nos seres que adquiriram melhores condições e superaram a maioria dessas primeiras reações instintivas, nas constantes elaborações educacionais, emocionais e afetivas pelos rosários palinogenéticos (reencarnações), o bloco energético refletirá impulsos

e resultados de reações com variável soma de intelectualidade e amor, na dependência de seu grau evolutivo. Nos seres mais intelectualizados, mais bem compreendendo os valores positivos das virtudes, os vórtices dos núcleos-em-potenciação refletirão melhores condições psíquicas. Esses vórtices mais evoluídos e mais bem lastreados, denominemo-los de instintos de 2º geração. Seria a nossa atual fase psicológica.

Como a evolução representará sempre, aquisições de novas formas de consciência, os atuais instintos de 2º geração ou fontes da vida, pelo acréscimo de novas qualidades e fixações de potencialidade com que as reencarnações contribuirão, alcançarão um novo estado de melhores e mais bem expressivos conteúdos. Desse modo ir-se-ia formando um bloco energético mais bem desenvolvido (núcleos-em-potenciação em constante elaboração), transcendendo os degraus da intelectualidade, e de mãos dadas com mais nobres virtudes, refletirão instintos de uma 3º geração. Nesta, a posição intelectual foi devidamente metabolizada e alicerçada sem apagamento das vivências pretéritas, porém, suplantadas pelo processo intuitivo, atributo dessa última geração. Em outros termos: A mecânica da consciência iria sendo substituída pela dinâmica superconsciente.

O homem hodierno sente os novos tempos, a sua consciência necessita de expansão, os maduros alicerces do intelecto já divisam e anseiam pelos horizontes das construções intuitivas ansiosamente aguardadas. O milênio que desponta será o marco inicial dessas proposições.

Os processos psíquicos dos tempos atuais, sedimentados, de modo característico, nas análises intelectuais, iriam cedendo terreno para que a síntese intuitiva fosse envolvendo o novo psiquismo que, nos dias vindouros, seriam caracterizados por novos impulsos criativos e como expressões de uma nova civilização.

A miríade de núcleos-em-potenciação não possuem uma linguagem direta ao consciente sob forma cristalina; sofrem as sugestões do simbolismo e das imagens de adaptação, único meio plausível de manifestar-se na periferia, por ser o consciente uma tela de reduzidas possibilidades em face das atividades energéticas dos núcleos. A forma sob a qual se exterioriza no consciente é desconhecida, apresentando, entretanto, sempre um caráter penumbroso, como sói acontecer na linguagem dos sonhos utilizada pela psicanálise. Somente quando o homem atingir um grau

evolutivo mais avançado poderá compreender melhor a exteriorização dessas energias em sua própria dimensão.

Dessarte, as energias dos núcleos-em-potenciação irradiam sempre para o consciente, dando-nos a explicação de certas inspirações, criações e tendências para determinado setor de trabalho, como aconteceu na formação da psicologia de Freud, Adler e Jung.

Os vórtices do inconsciente passado, esse imenso oceano pouco conhecido em seus mecanismos, percebidos por seus gritantes efeitos, ainda representam zonas e regiões de maior importância, responsáveis pela formação e orientação do sexo e que se exteriorizam, na condição apropriada, de acordo com as necessidades evolutivas do espírito. O sexo em determinada personalidade seria conseqüências das necessidades que o EU reclama para construir-se.

É de tal ordem o comando energético dos vórtices, que podemos chamar de sexuais, que Freud criou sua psicologia unicamente com eles, enveredando para o terreno patológico, e Jung fez interessante estudo de análise psicológica limitando-se a determinados setores e catalogando os responsáveis arquétipos (anima = feminino, para a personalidade masculina e animus = masculino, para a personalidade feminina) em suas naturais oposições, própria da psicologia Junguista.

Percebemos que os vórtices inconscientes de energias sexuais vêm de núcleos-em-potenciação como que aderidos energeticamente às emanções das forças criativas (energias criativas do inconsciente puro); por isso, bastante potentes, apresentando caráter impositivo. São vórtices que apresentam equilíbrio ou desajuste na zona consciente ou corpo físico, de conformidade com as elaborações e experiências adquiridas. A assertiva espírita é bastante lógica; somos o resultado de nossas experiências pregressas, como hoje semeamos a colheita do nosso futuro.

O material energético do inconsciente passado, dirigido, orientado e comandado pelo inconsciente puro, é inesgotável, representando arquivos de todas as vidas pretéritas e vivências, em condições e tempos diferentes, que foram incorporados à bagagem do EU, essa individualidade que percorre sempre ansiosa a estrada da evolução.

Se pudéssemos penetrar a essência do inconsciente passado, senti-lo nas potencialidades de trabalho, personificando-o, chegaríamos à conclusão de ser um elemento que haja transposta a barreira da morte englobando todos os estágios possíveis de juventude,

maturidade e velhice, suplantando com sua imortalidade as limitações do tempo. O mais antigo seria sempre atual; os sonhos e fantasias seculares referentes ao ser, à família, ao estado à nação e ao mundo, teriam expressões dos evos e de agora; seria um todo de imensos conhecimentos, transpondo milênios e abrindo, para o futuro, as sensações de um grande porvir.

Inconsciente atual ou presente – Acompanhando o esquema da gravura 3, do centro para a periferia, deparamo-nos com uma terceira camada, ainda nos campos do inconsciente ou zona espiritual, a que, por estar mais próxima da organização física, demos a denominação de inconsciente atual ou presente.

É zona cujos elementos definem uma área perfeitamente caracterizada, com acentuada dinâmica e mecanismos próprios. Pelas trocas constantes que se passam nessa zona, ela se torna facilmente evidenciável mediante experimentos psíquicos apropriados, que marcam e debuxam sua presença, ao tempo que o notificam e a qualificam como sendo uma das faixas vibratórias do Espírito.

É no inconsciente atual que se forma a maioria dos conflitos e complexos, vindos do exterior (consciente), e que, posteriormente, poderão ser devolvidos ou não sob forma de neurose e doenças psicossomáticas, por terem sido reprimidas, por desagradáveis, do umbral da consciência. Contudo, todas as energias elaboradas, construtivas ou não, serão sempre absorvidas por essa zona do inconsciente e levadas em sua totalidade, para departamentos mais profundos da psique.

A consciência devolve ações que posteriormente reprova por serem maléficas e, por isso procura expurgá-las; não havendo neutralização por um ato construtivo de potencialidade oposta, o caminho é para dentro, em camada mais profunda do inconsciente que absorve a energia doente e a exterioriza de modo a provocar, com o sofrimento, o equilíbrio. Os conflitos e complexos, resultados mais comuns desses mecanismos, se separam do psiquismo central, isolando-se como verdadeiras ilhas na tela consciencial, funcionando autônomas e automaticamente até a exaustão final. Esses conflitos e complexos trazem sempre a carga de conteúdo de forças e matizes variados, despejando-os na zona consciente, na maioria das vezes, sob forma de símbolos. Podem também estar associados a outras forças da zona inconsciente, ampliando sua

projeção na tela consciente oferecendo características tipicamente neuróticas.

As neuroses podem apresentar variáveis e tonalidades diversas, o que indica não terem sempre a mesma origem. Daí podermos considerar as neuroses em superficiais e profundas, conforme a situação que ocupam as suas fontes produtoras, no inconsciente. Tanto as neuroses superficiais quanto as profundas se manifestam na zona consciente, no psiquismo de superfície ou zona psíquica comum de manifestações e percepções. Sendo claro e lógico que as manifestações de um determinado quadro neurótico variarão de acordo com o tipo psicológico do indivíduo. Mais ainda, as neuroses podem se manifestar imediatamente, com pronta reação, ou em épocas posteriores e mesmo numa outra vida, isto é em períodos reencarnatórios variáveis. Desse modo observamos um grupo de neuroses profundas que exteriorizam no consciente sem razões que possam ser explicadas pela atual do indivíduo; isto porque foram desarmonias adquiridas em épocas pregressas e só agora, por mecanismos desconhecidos que poderíamos denominar de maturação de energias, desponta, com seus contundentes sintomas.

Nesta área do inconsciente atual são lançadas os resultados dos trabalhos psíquicos conscienciais que transbordaram de sua própria zona; posteriormente podem ser restituídos á sua própria tela perceptiva do consciente sob condições hígidas . A devolução energética do consciente só apresentará quando os impulsos exteriores forem também desarmônicos; está claro que as manifestações do inconsciente atual, na tela consciencial sob forma de doenças psicossomáticas e neuroses diversas são uma tentativa de equilíbrio energético espiritual. Tanto isso é verdade que, quando por intermédio da hipnose ou de outros métodos, conseguimos canalizar e extravasar as razões de algum desequilíbrio, tudo se restabelecerá, porque se esgotam os focos energéticos desarmônicos dessa região.

É nesta região, em suas posições mais externas, que um envoltório especial, ou corpo mental (4º camada da psique), como que traça os limites do espírito; com isso podemos considerar o inconsciente atual também funcionando como filtro entre as regiões nobres do espírito e os campos mais externos do espírito.

Corpo mental – Por revestir todas as camadas do inconsciente, representaria o envoltório da mente ou espírito propriamente dito.

Com isso seria zona possuidora em elevado grau de todas as características funcionais do superconsciente e zona divisória entre o espiritual e material. Bem claro que para esta zona vibratória atingir a matéria, ainda existiriam camadas adaptatórias, campos vibracionais específicos, abaixo descritos como sendo o psicossoma e o duplo etérico.

É no corpo mental que o perispírito ou psicossoma se lastrearia, sendo assim, o resultado de expansões do espírito para os campos mais densificados da matéria que influenciam. Como camada que ocupa tal posição, deve participar das modificações e adaptações dos campos internos com os mais externos estruturando desconhecidas funções.

Admitimos que o corpo mental, como real envoltório do espírito, receberia as cargas dos campos do inconsciente, em constante expansão irradiativa, e, em metabolização específica com sua própria camada, daria nascimento a um novo campo de energias, de sutil estruturação, o chamado perispírito.

Perispírito ou psicossoma – Ficaria, assim, o perispírito como sendo resultado dessas expansões lastreadas no corpo mental. Essa delicada estruturação oscilaria em expansões e retrações a depender dos impulsos internos e serviria de apoio para que elementos outros, aí incrustados, pudessem ampliar e sustentar a organização perispiritual. Dessa forma, o envoltório perispirítico se adensaria devido à arrecadação e incorporação de elementos existentes no meio, substâncias específicas do prana ou fluido universal do contexto Kardequiano. A incorporação desses elementos ambientais é que daria o equilíbrio e adaptação ao ser no orbe de que faz parte.

Diz a Doutrina Espírita que a estruturação perispiritual é condição característica de cada orbe particular. Quando os espíritos alcançam maior evolução a ponto de se deslocarem para outro orbe mais adiantado, perdem seu manto perispirítico, a fim de construírem um novo perispírito com elementos integrantes do novo meio. Logo a “estruturação íntima” do perispírito, como resultado das expansões energéticas do inconsciente ou zona espiritual continuará mesmo que a individualidade se transfira de orbe. O que desaparece são os elementos que foram arrecadados ao meio onde se encontra o ser, elementos constitutivos do fluido universal, ficando as estruturas básicas onde os registros das experiências que aconteceram possam ser recolhidas para a intimidade espiritual pelas retrações desse

campo. Com isso, Compreendem-se melhor os acontecimentos durante a reencarnação, onde existem retrações do corpo psicossomático com a perda acentuada de seus elementos energéticos, nessa fase, cedidos à natureza em virtude do reencarnante construir um novo perispírito adaptado às novas condições do novo corpo físico.

Os povos antigos referem-se com familiaridade a respeito do perispírito. Assim os Hindus, desde remotas eras o denominava de *Kama-rupa*, os hebreus empregavam o termo *nephech*, e os Egípcios *kha*. Os Gregos adotam a denominação de *Schema* e os Gnósticos de *aerossoma*. Pitágoras, particularmente chamava de carne sutil da alma ou *Eidolon*, Libnitz, de *corpo fluídico* e Paracelso de *corpo Sidério*; mais recentemente o filósofo Cudworth escolheu a denominação de *Mediador Plástico*. Antônio J. Freire, num de seus livros de metapsicologia experimental, refere-se a este Mediador Plástico do seguinte modo: “O Perispírito, indevidamente denominado por vezes de *Corpo Etérico*, e geralmente chamado de *Corpo Astral*, é constituído por camadas concêntricas de matéria hiperfísica sucessivamente menos condensada e mais quintessenciada, policrômicas, de volume e diâmetros variáveis, servindo de traço de união – Mediador Plástico – entre o corpo físico e o espírito, mantendo entre esses dois elementos simplesmente relações de contigüidade, recolhendo sensações e transmitindo ordens, sugeridas pelos corpos superiores espirituais, por intermédio de vibrações fluídicas, de que o corpo físico é apenas instrumento secundário e passivo, só necessário em nossas etapas terrestres, através dos ciclos das reencarnações evolutivas e cármicas.

Estudos antigos, obedecendo ao tradicionalismo Hermético, revelam a existência de um campo eletromagnético, elemento mediano entre a matéria e o espírito, constituído de camadas com funções apropriadas e bem definidas.

Todas essas camadas vibráteis mais não seriam do que o conjunto energético espiritual com seu revestimento perispiritual, cujas denominações observadas pelas diversas seitas e escolas filosóficas clássicas são coincidentes e perfeitamente acordes.

O perispírito ou psicossoma é uma porção intermediária, com todos os graus de vibração, que une dum lado, a zona vibracional espiritual e do outro a condensação máxima da energia de caráter barôntico, característica da matéria. O perispírito jamais deve ser

considerado como um reflexo do ou efeito do corpo físico; este sim, é que se construiria com as sugestões daquele.

Dessa forma o psicossoma, esse arcaibouço vibratório, representaria um campo qualitativo onde o organismo físico se forma e se adapta, obedecendo-lhes as sugestões. O perispírito possuiria todas as potencialidades que o organismo físico encerra, além de outras mais evoluídas e desconhecidas. A organização física passaria, naturalmente, a ser um decalque, um debuxo, uma verdadeira condensação de energias mais periféricas do psicossoma, onde esbarram todas as suas correntes energéticas vitais. Haveria, assim, dois campos de influência, o campo da vida celular e o campo do perispírito, em constante intercâmbio.

O aspecto do perispírito está bem caracterizado nas palavras do espírito André Luiz: "(...) formação sutil, urdida em recursos dinâmicos, extremamente porosa e plástica, em cuja tessitura celular, noutra faixa vibratória, à face do sistema de permuta visceralmente renovado, se distribuem mais ou menos à feição das partículas colóides, com a respectiva carga elétrica, comportando-se no espaço segundo a sua condição específica, e apresentando estados morfológicos conforme o campo mental a que se ajusta."

Agora que as noções sobre o perispírito se aprofundaram mais, devemos considerar que suas camadas mais periféricas, que se acham mais intimamente ligadas à matéria, não deixariam passar energia vital, vinda do centro espiritual, sem controle e equilíbrio. Para isso deverá haver uma série de estações energéticas, pontos vorticosos, ilhas dinâmicas semelhantes a discos, que denominaremos de discos energéticos, cujo papel principal seria a dosagem da energia vital a ser distribuída na matéria.

As zonas do perispírito onde se localizariam os discos seriam bem mais ricas em vibrações, variando de uma para outro disco, na dependência da importância fisiológica de que estão investidos. Seriam muitos, entretanto os espiritualistas e videntes assinalam sete deles como os mais importantes, cujas localizações estão relacionadas com as zonas nobres do organismo material, influenciando, preferentemente, as redes simpáticas e parassimpáticas. Estariam assim distribuídos:

1= Epifisiário – No centro do crânio (alto da cabeça)

2= Frontal – no nível do lobo frontal (testa)

3= Laríngeo – na região cervical (pescoço)

- 4= Cardíaco - na região pré-cordial (coração)
- 5= Solar - região epigástrica (fígado)
- 6= Esplênico - na região esplênica (baço)
- 7= genésico - na região hipogástrica (órgãos genitais)

Tudo faz pensar que os diversos discos energéticos, antes de jogarem as suas energias nas zonas nervosas competentes, lançam-se em disco menores, que se sucedem, em cadeia, para melhor e cuidadosa redistribuição. Anote-se, entretanto, que a importância capital do disco energético epifisiário, que poderíamos considerar o disco energético de maior envergadura, e, talvez mesmo o elemento redistribuidor e orientador da nutrição energética para os demais discos e, respectivamente, para toda a cadeia de unidades semelhantes que se sucedem. Nesse disco estaria o impulso dos mecanismos psicológicos mais nobres, quais sejam os fatores espirituais, manifestados nas telas da zona consciente diencefálica através da glândula pineal (?).

O disco frontal, de influência marcante sobre os restantes, seria o orientador dos fenômenos que se instalam no córtex cerebral, zelando pelas atividades nervosas, principalmente os órgãos dos sentidos, e dando o máximo de coordenação ao trabalho dos neurônios e as glândulas de secreção interna. Vai mais além à medida que se responsabilizaria pelos processos da inteligência, culminado na cultura e nas artes.

O disco laríngeo exerceria suas atividades nos mecanismos da respiração e fonação, e, ainda mais, zelaria pelo setor endócrino timus-tireóide-paratireóide.

O disco cardíaco se responsabilizaria pelas energias que se desenvolvem em todo o aparelho circulatório, dando orientação aos fenômenos desencadeados nesta área do sistema autônomo (nó de Keit-Flack e His).

O disco solar tomaria sob sua custódia a absorção dos alimentos, como resultado do trabalho químico do aparelho digestivo, onde as funções hepáticas representariam sua grande manifestação.

O disco esplênico regularia o jogo do sistema hemático com todas as suas nuances da relação meio e volume, hemácias que levam e trazem energias múltiplas de todos os escaninhos do organismo.

O disco genésico seria o responsável pelo amparo ao setor sexual, não só na modelagem de novos corpos, bem como nos estímulos das realizações e criações entre os seres.

Essas idéias são antiqüíssimas e bastante difundidas, são estudos que ainda não compreendemos, em seu âmago, por não possuímos métodos e percepções para defini-los com presteza, mas que a lógica e uma série de experiências mediúnicas, impossível de serem comentadas neste livro, falam em favor das estações energéticas, com toda a importância fisiológica de que são merecedoras.

Duplo Etérico - Representaria uma camada energética cujas necessidades de expansões na zona física estariam relacionada a cada ser em particular. Para alguns seria nada menos que um frágil e mesmo apagado campo de energias; para outros tantos, um campo intenso de vibrações que, de conformidade com a sensibilidade de doação individual, responderia por maior ou menor intensidade nos passes de transferências a pessoas necessitadas. A dosagem de transferência de energias, neste processo, já foi comprovada pelas fotografias Kirlian, tradutora da aura dos seres vivos. Esta não seria constituída, tão somente pelas expansões do Duplo Etérico, mas como sendo uma combinação desse campo com as irradiações perispirituais e aquelas do próprio corpo físico.

Zona Física – É a zona de nosso habitual conhecimento, com a presença de 60 trilhões de células em média, atendendo aos seus diversos departamentos, onde se desenvolve inúmeras funções das quais desconhecemos muitos dos seus mecanismos.

Pela organização de que é possuidora, a zona física está subordinada aos influxos das energias do psiquismo profundo, que encontram nos soalhos citológicos a tela de suas manifestações e o campo ideal de absorção de experiências, que o mecanismo da vida imortal impõe.

A zona inconsciente com sua imensurável e complexa estrutura representa para nós, a estrutura básica do próprio espírito.

Esta parte da psique foi o campo de estudo que Freud penetrou com argúcia, dando os primeiros conceitos científicos, embora traduzisse essa energética como consequência da zona consciente. Coube todavia, a Jung elevar grandemente a ciência do inconsciente, ultrapassando todos os construtores da psicologia contemporânea.

Dizia que “A alma para nós é infinitamente mais obscura que a periferia visível do corpo. A alma continua sendo terra incógnita, explorada escassamente, donde não temos mais do que referências indiretas, transmitidas por funções conscientes que se acham expostas a infinitas possibilidades de engano”.

Deduz-se que os problemas ligados ao inconsciente ou zona espiritual são difíceis de abordagens por falta de métodos adequados e mais apropriados; os métodos analíticos em voga, de nossa posição consciencial não darão solução a problemas desse jaez. Por isso teremos de lançar mão de outros recursos, teremos que recorrer ao método intuitivo, bem conhecido, que não admite análise a priori e sim percepção de conjunto (percepção superconsciente); caberá à ciência futura joeirar, com recursos mais avançados , os resultados e as razões do método em apreço.

Pelos estudos até o momento abordados, conclui-se que a zona espiritual ou inconsciente, onde se encontram gravadas e lapidadas, constantemente, as nossas aptidões, será o centro de comando, o centro irradiativo de vibrações a se distribuírem por toda a arquitetura humana e além da mesma. Como existe esse fluxo de correntes nutridoras do centro (espírito) para a periferia (corpo) logicamente existirão correntes em sentido contrário, da periferia para o centro, abastecendo, após devidas adaptações nos campos psíquicos, o espírito, com as experiências e realizações que o meio oferece. Poderíamos nomear essas correntes de centrífugas (do centro para a periferia) e centrípetas (da periferia para o centro).

As correntes emissoras centrífugas procurariam primeiramente os centros nervosos do superconsciente (lobo frontal?) e consciente, como também os plexos nervosos do sistema nervoso autônomo ou simpático-parasimpático.

A sutilidade da energia espiritual seria de tal ordem que a zona física dos plexos nervosos pela diversidade de trabalho teria necessidade de receber esta energética adaptada, após passagens em estações vibratórias intermediárias, onde pudesse haver equilíbrio, dosagem perfeita e filtragem adequada das energias a serem distribuídas à organização física. Destarte a energia espiritual atravessaria as diversas camadas do inconsciente sofrendo adaptações, principalmente nas estações intermediárias, isto é, dos

discos energéticos do perispírito, que funcionariam dentro de um padrão metabólico avançado, como verdadeiros transformadores.

Os centros nervosos do encéfalo (consciente e superconsciente) e as placas nervosas do sistema autônomo (simpático-parasimpático) seriam abordadas pela energética espiritual constitutiva das correntes centrífugas, desencadeando reações quimio-vibratórias delicadíssimas e variáveis. Essas seriam proporcionais à emissão central e com um desfecho de carga energética suficientemente equilibrada para ser conduzida através das vias nervosas.

Nas extremidades nervosas, em contato com os tecidos comuns do organismo, observar-se-ia outra série de reações, naturalmente menos sutis que as primeiras, embora tendo o mesmo caráter químico-vibratório. De reações semelhantes, partem as ondas nervosas que respondem pela excitação das glândulas endócrinas que a seu turno, por intermédio de secreções, fustigam os tecidos e órgãos convidando-os ao trabalho que lhes são próprios.

A penetração dos campos energéticos espirituais na zona física se daria de maneira característica no setor celular, havendo mesmo difusão energética pelo citoplasma, porém com a tonalidade que as unidades celulares oferecem. Certas atividades celulares, quais sejam as irradiações mitogenéticas de Gurwitz, as das células hepáticas e musculares, particularmente a cardíaca (ECG) e cerebral (EEG), poderiam ser muito bem o resultado das difusões e manifestações espirituais combinadas com o bioquimismo físico.

Assim, as energias das correntes centrífugas iriam, principalmente, em busca dos centros nervosos, para oferecer a vitalidade necessária ao comando do organismo físico. Emitimos a possibilidade de que, nos centros nervosos particularmente na célula nervosa, a energética espiritual vinda do centro espraiasse de modo bem característico. Sendo o núcleo da célula eletro-negativo, este é o ponto por onde a corrente centrífuga positiva deve aportar e procurar difundir-se. A região nuclear mais apropriada à canalização das energias vindas da zona inconsciente seria o nucléolo, pelas características constitucionais e afinidades energéticas, daí as energias se espalhariam por todo o núcleo, particularmente nos cromossomos, sofrendo profunda elaboração nos genes em atravessando a membrana celular, e a maiorias dos feixes energéticos iriam em busca do centro-celular (eletro-positividade) que deverá ser a zona difusora da energia vital para todo o corpo da célula. Pelo visto, a trilha é a do código genético, cujo bioquimismo definirá expansão

dos núcleos-em-potenciação da zona do inconsciente passado, refletido nas telas cromossômicas. Alguns feixes energéticos da zona cromossômica devem passar diretamente para o corpo da célula, sem tocarem no centro-celular, estação distribuidora por excelência; assim, passando diretamente sem maior controle, pela intensidade e concentração desses excessos energéticos, determinariam a formação, no citoplasma celular, de pequenas unidades-carga, núcleos de energia concentrada a serem utilizados pela célula na medida da sua necessidade.

As correntes centrifugas têm no perispírito o campo de arregimentação e devida expulsão das energias espirituais para a zona física com os seus 60 trilhões de células em média, incluindo as sangüíneas ou móveis, onde as grandes reações de defesa orgânica se mostram. Neste setor a futura medicina nos capítulos ainda tão pouco conhecidos da imunologia, revelará incontestavelmente a importância dos campos espirituais na organização humana. Muito ainda temos que caminhar, a fim de entender nossa integral natureza.

Das posições físicas ou mais periféricas do organismo nasceriam as correntes centrípetas, percorrendo caminho inverso, como que completando um ciclo. As correntes centrípetas tomariam nascimento nos blocos energéticos que a massa sangüínea deve proporcionar, nas energias absorvidas pelo ar atmosférico e pelos alimentos, após as devidas transformações.

As correntes centrípetas nasceriam como energias densas e pesadas para poderem circular na matéria; porém à medida que fossem ganhando as camadas mais profundas da psique, iriam afinando-se, melhorando, adaptando-se para que a corrente possa progredir. A adaptação e afinamento se dariam pela absorção de elementos mais densos das energias centrípetas pelas camadas energéticas afins do inconsciente, só deixando continuar, como unidades constitutivas da corrente energética centrípeta, o material mais afinado de dimensões superiores; é como se fosse várias camadas energéticas que se iriam despidendo dos elementos mais pesados, nas zonas por onde fossem atravessando. Essa doação energética contínua determinaria o impulso da corrente que ao nível dos núcleos-em-potenciação, na zona do inconsciente passado, estaria com todo o material perfeitamente adaptado à absorção e complementação do ciclo.

Os alimentos ingeridos pelo organismo humano contêm, pela origem, material vital apropriado que, após preparação, deverão ser integrados nas correntes centrípetas.

Pela inspiração, nas ramificações finais dos condutos aéreos pulmonares, no conhecido fenômeno da hematose, os elementos sangüíneos, quer figurados ou líquidos absorvem os gases da atmosfera para a nutrição do organismo cedendo em estado gasoso, pela expiração os produtos da queima e dejetos. Na atmosfera a composição dos seus gases obedece a seguinte proporção:

Oxigênio-----	21,94 %
Nitrogênio-----	77,03 %
Gás carbônico-----	0,03 %
Gases raros-----	1,00 %

Sabemos que o fenômeno respiratório no organismo consiste na absorção do oxigênio pelas hemácias ou glóbulos vermelhos e a eliminação de gás carbônico pelos mesmos elementos figurados. Quanto ao nitrogênio sabemos que não se dissolve no sangue, não havendo absorção de conformidade com os estudos existentes; é bem possível que esta interpretação a respeito do nitrogênio esteja certa, porém, é possível, também, que estejamos absolutamente equivocados. Temos que considerar que um gás que participa das trocas do organismo vivo, na proporção de 77,03 % deve influenciar altamente os fenômenos mais íntimos da vida orgânica. Não teriam as células brancas ou leucócitos participação na circulação do nitrogênio? Exerceriam as plaquetas sangüíneas influência no mecanismo de dissolução do nitrogênio no sangue após inspiração? O nitrogênio participaria do conteúdo sangüíneo em condições específicas? Inúmeras hipóteses poderiam surgir dessas perguntas. De verdade, sabemos asseverar que o nitrogênio circula no sangue em estado atômico-molecular apropriado. Devido à alta proporção na composição do ar atmosférico e conseqüentemente o seu alto teor no organismo, é possível que esteja investido de funções muito mais importantes que a do oxigênio e gás carbônico, funções que ainda não podemos decifrar. Quem sabe se o nitrogênio seja o veículo ou, nas condições estruturais específicas, parte da própria matéria vital necessária às zonas energéticas do inconsciente ou espiritual? Quem sabe mesmo se o nitrogênio não representa aquilo que o espiritualismo chama de prana? Quem sabe se esse gás não

contribui para a soma de energia na composição das correntes centrípetas, no abastecimento das camadas energéticas da psique?

(1)

O nitrogênio no ar não é absolutamente absorvido como alimento no organismo humano, embora este respire diariamente cerca de 1.000 litros. O futuro problema de simplificação da alimentação do homem estará, possivelmente, em encontrar um método de fixação do nitrogênio do ar. Pelos nossos conhecimentos, somente as plantas

(1)

Em realidade, em todos os seres vivos animais e vegetais unicelulares ou pluricelulares, o processo de respiração consiste na produção de energias necessárias à manutenção de todas as suas funções vitais. Esta energia de natureza química é obtida a partir da oxidação (queima) química de compostos orgânicos do tipo carboidratos (principalmente) e lipídios.

Nos seres aeróbicos, para que acontece o processo de formação dessa forma, é necessária a presença obrigatória de oxigênio molecular que atuará como aceptor final de elétrons durante uma longa série de reações químicas ocorridas a nível de mitocôndrias, orgânulos citoplasmáticos presentes em todas as células vivas. Por ocorrer no interior dessas o processo de produção de energias sob forma de ATP (trifosfato de adenosina) recebe o nome de respiração celular podendo ser resumidamente subdividido em duas etapas denominadas ciclo de Krebs e cadeia respiratória ou fosforilação oxidativa.

Todavia os compostos energéticos do tipo ATP não representam o único material produzido durante o processo respiratório; conjuntamente com ele são produzidos a água, inofensiva à sobrevivência da célula e o dióxido de carbono tóxico e incompatível com a sobrevivência dos organismos. Por isso deve ser eliminado para a atmosfera após ser retirado do interior celular através da combinação com a hemoglobina presente nas hemácias ou pelo plasma. A sua eliminação para a atmosfera é feita ao nível dos alvéolos pulmonares, mesmo local em que ocorre a absorção do oxigênio indispensável à respiração celular dos seres aeróbicos

conseguem retirá-lo do solo onde se encontram, fixando-o nos alimentos indispensáveis a outros seres vivos, isto é, transformando-o em elementos úteis à vida. (2)

As correntes centrípetas, na parte correspondente à zona física, atingiram os centros nervosos e placas nervosas simpática-parassimpáticas por processo inverso daquele observado nas correntes centrífugas. Instalar-se-ia uma série de reações, em primeiro lugar puramente químicas, para depois tornar-se cada vez mais sutil, se transformarem em vibrações, única maneira de levar através dos canais perispirituais o desencadeamento integral dos fenômenos vividos na zona na material. Não só o elemento nitrogenado participaria das correntes centrípetas, mas também de qualquer reação, sensação, experiência e trabalho vivido na zona consciente, e de modo particular no soalho das células nervosas, onde os fenômenos intelectivos afetivos, éticos, morais, mostram a mais alta representatividade; enfim, tudo o que represente dinamismo convenientemente adaptado, faria parte das correntes em questão.

(2) –

Apenas uns poucos organismos conseguem absorver o nitrogênio atmosférico podendo se dividido em três grupos específicos a saber:

Bactérias e algas azuis (= algas cianofíceas) existentes no solo e capaz de sintetizar compostos orgânicos que contém nitrogênio molecular. Uma outra bactéria fixadora de nitrogênio atmosférico vive associada a raízes de plantas leguminosas fornecendo uma parcela do nitrogênio por ela fixado. Convém ainda lembrar que as plantas podem usar também o nitrogênio contido nas moléculas de amônia liberadas para o solo pela ação do primeiro tipo citado de bactérias.

Assim o nitrogênio molecular existente nos vegetais passa ao organismo dos herbívoros quando esses se alimentam dos primeiros incorporando-se posteriormente aos organismos dos carnívoros que se nutrem dos herbívoros.

Desse modo, absorveria o espírito todas as experiências, boas ou más, do organismo inteiro, desde a simples reação celular aos complexos fenômenos nervosos, retendo-as nos núcleos-em-potenciação da zona inconsciente, com uma carga de energia apropriada, revelando fenômenos de alta elaboração. Destarte, a zona inconsciente carregada de energias ficaria capacitada ao fornecimento de material vital elaborado para o terreno nervoso que constantemente semeia, sem esgotar-se jamais, sempre com o tipo vibratório afinizado com aquele que absorveu da matéria. Quando o organismo material melhora suas condições vibratórias pelo aperfeiçoamento receberá de volta na zona espiritual, energias sempre mais afinadas. No caso em que a zona inconsciente receba vibrações rudes, claro que terá de exteriorizá-las, na forma de distúrbios, para que haja compensação do ciclo energético.

Lembremos que todos os núcleos-em-potenciação estariam sempre irrigados pelas energias benéficas do inconsciente puro (centro espiritual) e como tal, habitualmente carregadas do elemento propulsor central, a se responsabilizar pelas necessárias correções nos deslocamentos evolutivos, evitando ciclos energético fechado. Nesta hipótese de trabalho, as correntes centrífugas teriam cargas de energias mais expressivas que as centrípetas originárias na matéria; isso permitiria ao ciclo progresso e construção. O núcleos-em-potenciação, com sua alta elaboração, seriam os elementos que transformando as correntes centrípetas em centrífugas determinaria um salto vibratório das primeiras, provocando o deslocamento

contínuo do ciclo. Com isso, teríamos uma evolução em ciclo aberto, uma real espiral, buscando o infinito das experiências sem conta.

Como vimos anteriormente, nas zonas constitutivas do psiquismo, a ponte de transição entre o espiritual e material estaria entre o perispírito e o corpo físico; nesta zona existiriam energias específicas como que fazendo esta ligação – os campos do duplo etérico (gravura-3).

Esta gravura de ligação torna-se bastante interessante, por ser a região onde os campos de energia penetram e perdem-se nas estruturas materiais.

Creemos que não existe propriamente uma zona demarcativa, mas à medida que as energias espirituais partem do centro da vida (Inconsciente Puro) buscando a matéria, vão sofrendo a pouco e pouco, um processo de condensação, sendo o corpo físico a expressão máxima dessa condensação. Apesar das ligações sutis não apresentarem demarcações, não podemos deixar de fazer essa diferença, principalmente entre as terminações perispirituais e as células físicas.

Nessa zona de transição, de um lado o campo energético perispiritual, do outro as células materiais, teríamos, logicamente, campos dimensionais diversos; um campo de energias e outro de matéria, onde as organizações aí existentes, apresentariam condições próprias: Nos campos de energias estaria a anti-matéria, que naturalmente se continuariam por questão de polaridade, nos campos de matéria. Lógica seria pensar em campos atômicos de organizações diversas: Dum lado os conhecidos átomos de nossa organização física, com suas partículas, do outro, as antipartículas de um átomo que possa caracterizar a antimatéria.

Sabe-se que há explosões com transformações quando em condições laboratoriais, os campos de matéria e anti-matéria se encontram; é o caso do elétron (-) com o positivo (+). Na organização animal se o perispírito for um campo autêntico de antimatéria, por que não há explosão? Será que o perispírito possui mesmo como campo de antimatéria em contacto com a organização física especial adaptação pela interferência do duplo etérico? Em se considerando o perispírito um autêntico campo de antimatéria, possibilidade que acreditamos, o duplo etérico exerceria uma adaptação dos impulsos energéticos (elétricos), de modo a facilitar o trânsito dessas energias. Agiria, assim, o duplo etérico como filtro e

campo de adaptação, um verdadeiro transformador de campo estruturado em neutrinos (?).

Pelo exposto podemos avaliar quanto à organização humana possui energias psíquicas, onde cada campo interno como que reflete a própria dimensão em condições vibratórias desconhecidas. Do perispírito percebemos muito pouco, e assim mesmo, por informações dos espíritos e informações dos médiuns videntes; o que se passa na intimidade do próprio espírito desconhecemos, embora as influências percebidas na zona consciente permitem a elaborações de esquemas e hipóteses de trabalho.

Com as compreensíveis vibrações e irradiações do psiquismo que transcendem as fronteiras do corpo físico, observa-se a existência de um verdadeiro campo de difusão de energias conhecido como aura. A aura seria o resultado da difusão de campos energéticos que partem do perispírito, envolvendo-se com o duplo etérico e o manancial de irradiações das células físicas.

Como tal, todos os elementos da natureza possuem sua aura típica. No reino animal e hominal, devido à mobilidade dos seres e diversos estados de sensibilidade e afetividade, sofrem intensas modificações em suas irradiações.

A aura na espécie humana reflete os diversos estados da consciência que o ser pode apresentar, desde os graus instintivos mais primitivos até os vãos mais expressivos do altruísmo. No belo multicolorido de determinadas auras próprias dos seres mais evoluídos, percebidas pelos videntes, nasceu a idéia da existência de específicas personalidades, que deram margem à criação dos santos de muitas religiões; como também, pelo aspecto embaçado e cores esmaecidas e escuras, estariam aqueles que carregam condições bem mais primárias e instintivas, os que participaram de atos deletérios e negativos. Assim, diante das atitudes psicológicas e da evolução dos

seres, teríamos auras opacas ou luminescentes. Os mais evoluídos podem apresentar-se com tal luminosidade que deixam atônitos os videntes.

O autor espiritual André Luiz, refere-se a esse campo de forças do seguinte modo: “Articulando ao redor de si mesma, as irradiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhe são peculiares. (...) E desse modo, estende a própria influência que à feição do campo proposto por Einstein, diminui com a distância do fulcro consciencial emissor, tornando-se cada vez menor, mas a espalhar-se pelo universo infundo.

Pela maneira que a aura se mostra, com os seus múltiplos aspectos e combinações de cores, já foi motivo de estudos pelos antigos, que traduziam, na cor escuro para o negro, a presença do ódio e maldade; no castanho e suas nuances, avareza, ciúme, egoísmo; no vermelho, a ira ao lado da sensualidade; no cinzento, não só o medo mas também o abatimento e a depressão; no rosa estaria a dedicação e o amor, no violeta o altruísmo com espiritualidade dilatada, no amarelo intelectualidade.

Nos dias atuais existem muitos trabalhos de registro dessas irradiações áuricas, em fotografias e cinematografia coloridas, efetuadas em campos de alta frequência, calcados nas descobertas do casal Kirlian, de origem russa, e que por isso, foram denominados Kirlingrafias. Esse campo áurico de registro é conhecido na Rússia como campo de bioplasma; algumas Escolas americanas lhe chamaram campo psioplasmático. No Brasil o Dr Hernani em 1972 apresentou trabalhos científicos de valor, a concorrerem com o conhecimento e abertura de novas veredas que os estudos desse jaez podem oferecer.

No registro desses campos áuricos alguns autores acham que essas energias nada mais são do que o efeito corona; este realmente existe como resultado da fuga da alta frequência e voltagem na superfície do material em que incide. Porém as pesquisas notificaram que o efeito corona não apresenta as imensas variações do campo áurico quanto ao seu aspecto, cor e amplitude; ainda mais, observaram com certo critério e razão, as mudanças do campo áurico com relação aos diversos estados normais e patológicos e nas condições emocionais de sensibilidade, percepção e doação magnética (passes).

Diante de tais anotações, os pesquisadores não mais duvidaram da existência dessas irradiações com suas constantes mutações.

A aura é um campo biológico bem estruturado, não apresentando um sistema desordenado de emissões e recepções. Tem sua grande aplicação nos passes magnéticos, cujos resultados bem comprovados vêm mostrando um novo campo de pesquisas.

CAPÍTULO II

BIOTIPOS PSICOLÓGICOS - DOENÇAS PSICOSSOMÁTICAS - REFLEXOS
CARMÍCOS - BIORRITMOS - REGISTROS CEREBRAIS

Os diversos campos do psiquismo variam funcionalmente de indivíduo para indivíduo. Cada um de nós possui as suas nuances de energia psíquica, definindo tons próprios, o que dá uma variedade imensa de tipos psicológicos. Por isso jamais conseguiremos definir padrões dentro duma classificação ou esquema por mais perfeita que seja.

Possível, no entanto, identificar segundo a atitude (pensamento Junguiano), os indivíduos segundo duas grandes classes: O tipo psicológico extrovertido e o tipo introvertido, com seus respectivos graus intermediários.

O extrovertido em face do objeto possui uma reação positiva, dando-se o contrario com o introvertido. O primeiro por tomar diretrizes em relação ao objeto, acoita as normas e o espírito da época; o segundo por estar na dependência mais de fatores subjetivos, adapta-se com dificuldade ao mundo exterior, dando ao objeto um interesse escasso, bastante apegado a alguns indivíduos. Bem claro que existindo variações de toda ordem, essa apreciação denota uma tentativa de abordagem e definição.

O extrovertido liga-se quase imediatamente aos objetos que lhe chamam a atenção, ao contrario do introvertido, que estanca a fim de analisar o objeto que o está atraindo. O extrovertido é comunicativo; o introvertido é reservado. O extrovertido apesar de atar-se facilmente aos objetos de sua atenção momentânea com mais facilidade desloca o seu interesse para outro objeto; o introvertido após análise atenciosa fixa-se por mais tempo ao objeto. O extrovertido é lábil nas emoções, o introvertido conservador das emoções.

Considerando-se essas duas grandes classificações psicológicas; extrovertido e introvertido, podemos completá-las admitindo para ambos os tipos: Infranormais, intermediários e supranormais. Logo existirá entre os introvertidos e extrovertidos os indivíduos psicologicamente deficientes (infranormais ou anormais), indivíduos comuns que representam a média da humanidade (normais ou intermediários), e indivíduos de grandes possibilidades psíquicas, onde podemos enquadrar os gênios, artistas célebres, etc... (supernormais). Com essa maneira de ver, teremos uma base para estudos psicológicos individualizados, nos quais temos a obrigação de oferecer um sentido mais preciso à pesquisa e à experimentação. Entretanto sabemos que os diversos graus de

mentalidade, dos infra aos supranormais estarão na dependência de condições evolutivas do reencarnante. É a estrutura dos núcleos-em-potenciação que demarcariam nas telas neuroniais os impulsos já construídos no espírito.

Os dois tipos, extro e introvertido, ainda estão sujeitos a variações de acordo com as diversas épocas de vida; é muito comum encontrarmos o tipo extrovertido na juventude e o introvertido na velhice. Mais ainda devemos considerar as alegrias intensas, dores de todo o caráter e modalidade, e outras emoções marcantes como elementos preponderantes das alterações e variações dos tipos psicológicos. Enfim o tipo psicológico, cujo aspecto consciente (personalidade) é reflexo da zona inconsciente (individualidade) ainda sofre oscilações, variações e mutações caldeados pelo nível social e espiritual em que se encontra o indivíduo .

Por tudo isso, podemos avaliar a diversidade que o psiquismo humano poderá apresentar de indivíduo para indivíduo, e para enquadrá-lo num sistema descritivo teremos de simplificá-lo ao máximo, abordando pontos comuns e orientando caminhos particularizados. O ser que vêm á Terra, a fim de ocupar nova estrutura material, será a combinação dos genitores e a sua própria condição espiritual. As demarcações mais acentuadas se fazem às expensas do espírito reencarnante, porquanto nele implantados estarão os fatores adquiridos das vivências passadas; são as chamadas reações kármicas, de modo positivo ou negativo, a atingirem os diversos pontos do departamento orgânico.

Dentro do mesmo critério, isto é, dos extrovertidos e introvertidos, especificamente na área patológica, muitas apreciações de biótipos tornam-se marcantes diante do tônus afetivo do ser, isto é, do seu respectivo humor fundamental. Tentando simplificar essas idéias, poderemos relacionar os indivíduos em grandes dois grandes grupos: Os ciclotímicos e os esquizotímicos.

Os ciclotímicos estão voltados para o meio exterior; por isso, sociáveis, alegres e realistas, com capacidade de intensa mobilidade psíquica em face das excitações externas. Isto lhes dá condição de fácil oscilação entre alegria e tristeza.

Os esquizotímicos possuem pobre e reservada expressão de sensibilidade; pó isso estão sempre distantes, pouco sociáveis, de humor frio, condicionando um natural retraimento a ponto de refletirem um reduzido e inadequado intercâmbio psíquico.

As mudanças de humor, em tonalidade variada, são observadas nas doenças mentais, em diversas angulações, permitindo muitos registros, onde salientamos: Humor melancólico, com bloqueios depressivos diversos; humor maníaco, com euforia doentia e às vezes dispersão de idéias pela velocidade de pensamentos; humor esquizofrênico, onde impera a apatia, com indiferença afetiva a refletir-se em desinteresse total, impulsionando o indivíduo para um mundo interno, geralmente intenso e enigmático, verdadeira posição autista. Na posição de autista o indivíduo projeta-se a um total retraimento com difíceis e às vezes impossíveis condições de comunicabilidade.

Alguns seres já chegam à condição reencarnatória em franco autismo e recusa à vida. A psicopatologia tem apreciado várias interpretações que não atendem aos porquês.

O mundo espiritual aqui e ali tem informado que a condição autista desde o nascimento seria o resultado da revolta do espírito diante a imposição reencarnatória; bem claro que, além disso, estarão presente reações como respostas de uma vida pretérita distoante.

Apesar das compreensíveis variações que os biótipos oferecem tudo isso fala em favor, não propriamente de imposições determinísticas, mas em prováveis fatores que a organização espiritual consegue imprimir durante o processo renovatório da reencarnação (morfogênese). O indivíduo carrega no próprio espírito não só as suas deficiências, mas também o positivo que o passado demarcou. As sombras ou as luzes na estrutura do espírito serão consequência das vivências pretéritas.

Diante de tais fatos, os biótipos psicológicos possuem certos fatores que poderíamos denominar impositivos, no sentido de que facilmente serão tendentes aos grupos de deficiências ou mesmo doenças. Também, muitos valores positivos serão como que mais facilmente ativados em alguns biótipos. Muitas vezes as tendências se fazem tão expressivas e gritantes, que deixam sem explicação os pesquisadores que se dedicaram à temática da herança, nos conhecidos capítulos da genética. Torna-se impossível explicar certas explosões de genialidade, em determinada pessoa através da herança familiar, porquanto notifica-se a essência em várias gerações pretéritas, da referida tendência

Podemos dizer que na zona do inconsciente, influenciando o processo da herança, seria uma zona construída pelas experiências

que se perdem na noite dos tempos, todas calcadas em diversos corpos físicos (personalidade) que ocupou e continua ocupando na trilha evolutiva. O espírito necessita de imensas experiências como lastros de aptidões, a fim de que numa determinada etapa reencarnatória possa oferecer tais condições de criatividade, como elaboração alicerçada no acúmulo de qualidades, aconteceria como que um real ajustamento de proposições que no cadinho das específicas reações psicológicas, em determinada época jorrasse, em torrente por necessidade de equilíbrio psíquico. Essa torrente seria tanto mais harmoniosa e bela, quanto mais plena de experiências construtivas for lastreado o espírito. Compreende-se perfeitamente, se não houver um ajustamento adequado de qualidades, que a zona espiritual só poderá oferecer pequenos fragmentos, até mesmo sem sentido, de algo que está por derramar, que se desgarrou do conjunto, ainda não bem elaborada.

O processo de deságüe pode dar-se ordenadamente ou mesmo com certo atropelo, traduzindo na zona consciente, algo harmônico e belo, ou com reflexos destoantes.

É bem lógico que o mecanismo em pauta estaria relacionado com o grau de evolução e conseqüente biótipo psicológico de determinado ser encarnado, considerando-se também, os aspectos das influências que propiciam experiências, principalmente àquelas relacionadas com a conduta educacional.

Os vôos do espírito são imensos em seus graus e variações, tudo a depender de um grandioso processo elaborativo diante do rosário de vivências na matéria. De reencarnação em reencarnação o espírito vai elaborando as suas aquisições cujas aptidões alcançadas no incontável tempo das sedimentações experienciais se vão transformando num bloco energético de potencialidades; estas por sua vez vão incentivando as telas reflexivas da consciência na busca de novos horizontes, cada vez mais claros e luminosos, transformando as sombras e dores do passado em sementes elaborativas de uma ainda imortalidade incompreendida e infinita. É justamente na construção do próprio corpo físico que o espírito encontra o exaustor ideal para sua depuração, caso existam negatividades.

Pelo visto o processo reencarnatório não será tão somente condição de pagamento das deficiências passadas, mas, principalmente, fatores de impulsão evolutiva.

Os espíritos reencarnantes, carentes e necessitados de reconstrução e reequilíbrio, podem apresentar variações em seus respectivos tipos psicológicos, em faixas consideradas normais ou patológicas. Sabemos que o nosso planeta alberga a maioria de indivíduos em processo de expiação; em breve se elevará a fim de conquistar a faixa regenerativa.

Nos tempos atuais, por serem momentos de transição, as reações kármicas se mostram mais ativas e acentuadas, porquanto mais ativa e acentuada é a exigente lei de equilíbrio da vida.

As reações kármicas tornaram-se mais bem compreendidas quando as doenças chamadas psicossomáticas foram alertadas pela ciência. Essa compreendeu a importância das forças psíquicas refletidas no arcabouço material.

A voz geral era de que existia doenças de fundo psicogênico, isto é doenças ligadas ao psiquismo. Como grande número de pesquisadores não admitiam a existência da alma ou espírito, o fundo psicogênico na tela física, passou a ser reflexos do inconsciente. Para nós a região do inconsciente é parte do espírito.

Jamais devemos esquecer os trabalhos de Franz Alexander, que valorizou, dum lado conceitos Freudianos e, do outro, os fatos psicogênicos nas pesquisas de Walter Cannon; o resultado foi o conhecimento que hoje possuímos sobre a medicina psicossomática, contribuindo de modo coerente no desligamento da psicologia da dependência filosófica e dar-lhe condições estruturais próprias.

Hoje sabemos que grande parte das doenças estariam ligadas diretamente a um psiquismo de profundidade (fundo psicogênico). Com isso foram melhor avaliadas as doenças psicossomáticas que, em última análise, teriam origem em fontes espirituais necessitadas de expurgar o acúmulo de energias ali elaboradas. A tela física, por ser nutrida pelas fontes do espírito (núcleos-em-potenciação do Inconsciente passado), seriam o campo ideal de descarga; porquanto, neste nível, determinaria sintomas diversos e em graus variados de acordo com a desenvoltura do processo em questão. Os sintomas daí resultantes, como reações kármicas (reações respostas de negatividade de vidas pregressas ou da vida atual) refletiriam dores físicas ou psicológicas por excelência, sempre aproveitadas na

construção dos núcleos-em-potenciação deficientes ou doentios, responsáveis diretos pelos desencadeamentos das reações.

Reações refletidas nas doenças psicossomáticas são reações de variável teor, porém muito mais brandas do que as reações apresentadas pelas severas doenças mentais, embora sempre presentes no componente emocional que envolve as doenças em geral.

As alterações no corpo físico, por influência do campo emocional, já eram conhecida das antigas civilizações. Afirmavam que as funções do corpo poderiam ser descontroladas pelos mecanismos da alma; tanto assim que os antigos iniciados utilizavam medicamentos vegetais, e, principalmente a musicoterapia (hoje em voga) e discussões filosóficas a fim de atenderem a uma verdadeira catarse. Desde a escola iniciática de Alexandria que já se pensava existir no corpo físico uma região mais diretamente influenciada pela alma – a glândula pineal. Este pensamento atravessou os séculos tendo em Descartes o seu grande defensor.

Estudos bem modernos pelo pesquisador Francês Thiebault, estão concluindo que a glândula pineal é o campo mais expressivo nos mecanismos psicológicos. O espírito André Luis, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, no livro “Missionários da luz” (Ed. Feb), dedica interessante capítulo sobre a epífise ou glândula pineal e sua importância nos mecanismos mais expressivos do psiquismo.

Com as descobertas científicas do século XIX e XX, foi-se afirmando a influência do sistema nervoso na vida afetiva, de modo especial a área vegetativa, tachado de sistema autônomo por lhe ser atribuído a responsabilidade integral do controle das emoções; entretanto, hoje, com maior avaliação científica, sabemos da importância de toda a área nervosa, pelas pesquisas de Cannon. Papez e Mac Lean, quando apreciaram as funções de autoconservação e preservação da espécie.

Todas as manifestações da tela física (manifestações neurovegetativas) podem dar-se diante de emoções disparadas num determinado momento de vivência do ser, ou podem desencadear-se sem causa aparente, por terem raízes pretéritas, isto é, em vivências passadas, verdadeiras reações dos automatismos do inconsciente. Quando as reações são desencadeadas no decurso da vida atual, podem ser denominadas reações aprendidas por se associarem a situações reais vividas e lembradas. Em ambos os casos todos esses sintomas emocionais são semelhantes, refletindo

taquicardia, sudorese, tremores, distúrbios visuais e outros, podendo chegar ao ponto de desencadear uma situação emergencial de luta ou fuga, tudo a depender da estrutura psicológica que o ser possui.

As coisas ficam mais difíceis quando o quadro passa a ser consequência das desarmonias pretéritas, cujos sintomas se mostram renitentes, sem causa aparente, verdadeiras respostas reflexas incondicionadas, assim chamadas por desconhecermos os mecanismos de implantação nas raízes do próprio espírito. É de compreender-se que esses vórtices doentes do espírito levam algum tempo para serem implantados, o seu deslocamento também exigirá tempo e perseverança.

Diante de sintomas dessa natureza, as respostas emergenciais na organização psíquica da zona consciente se fazem registrar, de modo inusitado, demonstrando anorexia ou fome excessiva, e como uma inexplicável necessidade de defesa de um inimigo desconhecido. Este último sintoma é comum em médiuns despreparados (pessoas mais sensíveis a projeções psicossomáticas) daqueles que ficaram à margem dos conceitos doutrinários espíritas; não sabem como lutar contra o “inimigo” (influências espirituais negativas). Fatos dessa natureza, sem o devido respaldo espírita (estudo, compreensão do processo mediúnico, boa conduta moral), podem desencadear processos obsessivos que, em fase avançada, se mostram como autênticas psicoses.

Pelo visto, as doenças psicossomáticas têm um horizonte bastante amplo, transcendendo a zona física. A presença de transtornos corporais, como reflexos de processos espirituais, contribui para uma ampliação psicológica do mais alto valor científico. As úlceras pépticas, a asma, a hipertensão arterial, certos grupos alérgicos, cujos sintomas em sua maioria psicogênicos, teriam explicações bastante largas se anexarmos as razões espirituais como fonte propulsora e desencadeadora do processo.

F. Dubar e F. Alexander, reconhecidos mestres da psiquiatria, sugeriram que o cortejo de sintomas psicossomáticos estariam relacionados a tipos psicológicos bem caracterizados, isto é, indivíduos predispostos à hipertensão arterial, angina, asma, etc... Acreditamos que certas características dos tipos psicológicos, onde tais processos se mostram com maior projeção, já seriam demarcações nos fatores cromossômiais da herança física durante o movimento morfogenético (reencarnação); isto é, o ser durante o

próprio desenvolvimento no útero já apresentaria tendências como resultado de legítima herança espiritual, sem precisões determinísticas, mas com oscilações imensas, onde o livre arbítrio influenciaria ao lado da alimentação, educação, inteligência, desenvolvimento psicológico etc...

Dizia Alexander que o desencadeamento de doenças psicossomáticas estaria ligado a “conflito específico”, por determinadas constelações psicológicas incrustadas no ser. Estamos integralmente de acordo com as informações dessa grande estrela da psiquiatria, muito embora o “conflito específico”, para nós, faz parte da estrutura espiritual construída em desarmonias de outras vivências passadas, e que, em posterior romagem, exteriorizam os sintomas elaborados. As doenças são do espírito e o canal de manifestação estará predominantemente, no sistema simpático-parassimpático, o sistema de emergências que ativam no organismo a cadeia glandular e outras secreções próprias e algumas ainda desconhecidas preparando o organismo para luta ou fuga quando o ser se comporta como criança indefesa adotando atitudes de dependência e tentando desligar-se da resposta emocional. Neste último caso a reação como que desaparece, porém vai-se mostrar em outros setores físicos da organização (hipertensão arterial, úlceras do estômago, e duodeno, colites, etc...), porquanto a catarse será inadiável, a fim de equilibrar o espírito, com as dores psicológicas daí resultantes.

Os métodos diversos da psicanálise, através de pesquisas e observações, vêm mostrando avantajados estudos sobre a questão; entretanto esses métodos jamais chegarão a expressivas conclusões se não estenderem suas perquirições ao espírito e sua respectiva jornada reencarnatória.

Os processos cármicos humanos do momento atual, além de impositivos, são complexos. É o caso das doenças mentais e degenerativas que se vêm apresentando em quadros clínicos de atípicas amostragens. Ao lado disso o homem de ciência também

tem ampliado boas possibilidades nas pesquisas. Na área cerebral, os registros de seus ritmos e ondas, no dia-a-dia, vêm contando com aparelhagem bem desenvolvida, embora a região do psiquismo ainda seja terreno não desbravado. A colheita dos ritmos cerebrais pelo eletroencefalograma tem fornecido algumas luzes, mas ainda estamos longe de compreender a intimidade dos processos mentais. O eletro, resultado de registro das ondas cerebrais que são captadas por eletrodos convenientemente adaptados na parte externa da caixa craniana, nos tem mostrado que o cérebro humano possui quatro ritmos básicos: Alpha, Beta, Theta e Delta. Foram assim denominados em virtude das variações de frequência das ondas, mensuradas em ciclos por segundo.

O registro eletroencefalográfico denota que o ritmo alpha encontra-se numa faixa de 7 a 14 c/s (ciclos por segundo). Acima de 14 até 23, em média, estaria o beta. O ritmo Theta, de frequência mais reduzida, estaria entre 7 e 4. O Delta, por sua vez, ocuparia menos de 4 c/s, isto é, entre 0,5 e 4 c/s.

O traçado EEG (eletroencefalograma) sofre imensas variações de indivíduo para indivíduo. Não existe praticamente traçados idênticos; até mesmo de dia para dia existe diferença no traçado de um mesmo indivíduo. Com isso percebemos as dificuldades de interpretação dos respectivos traçados. Ainda assim, acrescentamos que as ondas, nas diversas faixas, sofrem oscilações e variações de comprimento, desdobramento, ampliação e redução de ondas serão bem maiores nos estados patológicos, onde muitas vezes são registradas as descargas oriundas das tempestades de movimento. Os registros dos traçados do EEG, não representam em sua totalidade o que se passa integralmente na zona cerebral; realmente existe um registro, acompanhando artefatos e imprecisões, que tornam a interpretação além de difícil, muitas vezes pobres de dados.

Apesar das novas técnicas e aparelhagem mais sofisticada, o traçado não oferece condições que permitam diferenciar um infranormal de um supranormal; ambos os biótipos podem ter registros de caráter normal ou anormal, isto é, a eletrogênese pode ser normal ou patológica. Daí estarmos sempre atentos ao paciente, quanto às suas queixas e sintomas, valendo-nos do EEG como dado auxiliar valoroso.

Retratando o traçado eletroencefalográfico, as ondas alpha representaria o ideal ritmo psíquico humano; poderíamos dizer que

seria o ritmo dos harmonizados e equilibrados, praticamente os que alcançaram a paz no nosso tumultuado momento de vida planetária. O homem aflito dos nossos dias jamais alcançará o ritmo alfa, a não ser que se prepare nas realizações construtivas, em pensamentos equilibrados, em boa conduta moral, nas meditações bem dirigidas na vigília. Durante o sono, fase em que nos encontramos desligados da consciência ativada pelo nosso sistema competitivo de vida, o ritmo alfa estará sempre presente. É claro que muitos indivíduos apresentam o ritmo alfa em oscilações constantes com o ritmo beta.

Em linguagem metafísica é comum dizer-se que o homem só atingirá a felicidade se entrar e sustentar o ritmo psíquico alfa. É o ritmo dos ajustados, dos cumpridores do dever, daqueles que auxiliam por amor, dos não egoístas, dos que fazem do bem a trilha de todo momento, dos simples que entenderam as razões da vida e, por isso vão conquistando a posição com naturalidade e sem imposições. A frequência desse ritmo, como já referimos, oscila entre 7 e 14 c/s. É o ritmo da ausência de tensões, ritmo de concentração e de prece. É o ritmo observado no médium educado, no médium que está sempre se reciclando pela presença de espíritos superiores.

É bem verdade também que existem métodos e processos meditativos que possibilitam a abertura desses novos horizontes; entretanto conservá-lo é obra de apurado trabalho e boa vontade.

O homem de nossos dias, assoberbados de propostas, cercado de problemas vários, cultivando aflições e frustrações de toda ordem e sem um roteiro de equilíbrio espiritual, estará no impetuoso ritmo beta, de ondas acima de 14 c/s. podendo atingir por volta de 60 c/s. nos casos de profunda agitação, susto ou pânico. A onda beta é onda psíquica que traz ânsias, anseios e ansiedades de todos os matizes. É onda dos que estão com o pensamento em ebulição, arquitetando conquistas imediatistas que visam unicamente o próprio interesse, confundido com bem-estar; é ritmo que reflete os intelectualmente excitados, que apesar da cultura, vivem aguardando as benesses do conhecimento que não alcançam pela indisciplina e pelos desordenados movimentos de pensamentos. É o ritmo do chamado “homem moderno” que busca a qualquer preço o que a sua cultura social exige a qualquer preço para ser um “vitorioso”. É preciso que se diga o que o ritmo beta, o ritmo de vigília, o ritmo de consciência desperta, não produz sensações que caracterizem a fase; o indivíduo pode estar atarefado, confiante, com medo, parado ou não. É o ritmo da vida comum, de nosso sistema.

As ondas theta e Delta, traduzidas como ondas lentas, nos estudos de eletrogênese cerebral são ondas enquadradas como de características patológicas, mormente quando acompanhadas de modificações de seu comprimento e desdobramento. Existem intensos trabalhos e pesquisas sobre o ritmo em questão, ligados às diversas afecções cerebrais, onde ocupa lugar de destaque a epilepsia em variadas modalidades. Estas ondas podem estar presentes, sem conotação patológica, durante o sono.

Por outro lado, tem sido comprovadas a existência de ondas theta e delta em indivíduos que alcançaram degraus superiores do psiquismo. As provas se tornaram contundentes nos estados de paranormalidade, tal qual acontece na dinâmica mediúnica e, de modo mais raro, nos casos de êxtases espirituais. O médium correto, cumpridor de seus deveres espirituais, naquilo que tem como inadiável e intransferível missão, submetidos ao eletroencefalograma, mostrará em seu traçado ondas lentas de características theta e delta; submetido a cuidadoso exame clínico-laboratorial nada de anormal será constatado.

Podemos tirar certas conclusões, asseverando que as equações intelectuais encontram-se amiudadamente no ritmo beta, predominando o ritmo alfa nos estados de concentração que, à medida que avançam, penetram em theta e mesmo delta. A estes últimos pertence a dinâmica equilibrada e harmônica.

Por tudo estamos a ver que o EEG é método que não reflete em seu traçado, de modo integral, as energias psíquicas, demonstrando limitações. Isto traduz o desconhecimento que temos de muitas estruturas psicológicas, causando-nos surpresa a presença de ondas theta e delta, tanto nos estados mais avançados e hígidos da consciência, como nos reconhecidos estados patológicos das disritmias.

Por que estes estados, aparentemente antípodas, se revelam no EEG de modo quase idêntico? Será que os registros são ainda pobres e não arrecadam os diversos desdobramentos dos ritmos? Por que o patológico se encontra ao lado do hígido? Por que as ondas theta e delta encontrados com predominância nas afecções mentais (epilepsias) são também revelações de superior estado de consciência?

Em face dos conhecimentos atuais sobre EEG, não temos explicação plausível para divergências de tal quilate; o ritmo normal ou hígido jamais deveria apresentar um traçado praticamente

idêntico ao patológico. Aliás, existem casos de EEG normal em indivíduos sem quaisquer desvios psicológicos e traçados normais em comprovadas disritmias. Desse modo acentuamos que o EEG é método auxiliar de valor na avaliação de alguns processos mentais, apesar da existência de inexplicáveis desvios em certos casos.

Informações espirituais merecedoras de crédito tendem a explicar que as variações de ritmo nas diversas ondas cerebrais, como também ampliações de perceptibilidade intelectual e a tão decantada sensibilidade mediúnica, estariam relacionadas a uma maior ou menor “densidade perispiritual” em suas inserções nas usinas celulares. Quanto menos denso o perispírito mais sutil será sua inserção na zona física, de modo a propiciar maior possibilidade de alargamento das percepções psíquicas, inclusive as de paranormalidade (anímicas ou do próprio ser encarnado e as mediúnicas ligadas às influências espirituais externas).

Quanto mais densa a inserção perispiritual na zona física, maior seria a “soldadura” desses dois campos, determinando, dessarte, uma espécie de véu obstrutivo a limitar e reduzir as percepções; o ser participaria mais das razões materiais do que das espirituais.

Quanto mais denso for o envelope espiritual (perispírito) menor será a evolução do ser, por se encontrar mais próximo das faixas animais; e como se a materialidade predominasse no quadro da vida. Quanto menos denso for o psicossoma, maior a expressão evolutiva do ser e, como tal, maior o horizonte perceptivo.

Nos casos patológicos, a predominância das ondas Theta e Delta no EEG traduziriam também, proximidade de materialidade; nos casos hígidos e de atitudes psicológicas mais delicadas, as referidas ondas traduziriam angelitude.

O traçado eletroencefalográfico, por atingir campos limitados do psiquismo, registraria ambas as equações, de materialidade e angelitude, com suas naturais oscilações quase em igualdade de condições. Compreende-se assim a confusão existente na interpretação dos traçados e registros cerebrais e quanto será importante enriquecer as questões psíquicas com as questões espirituais.

Assim podemos tirar a conclusão de que o EEG não é um traçado que fala e mostra as verdades dos ritmos cerebrais, embora esclarecendo muitos parâmetros. O desencontro dessas apresentações, no cérebro disrítmico e no cérebro de avançada coordenação (superconsciência), permitiram alguns pesquisadores,

que só aceitam as condições materiais, tratar de patológicos todos os que se acham enquadrados nos referidos ritmos. Por isso que muitos médiuns são tratados de personalidade psicopática, nas formas histero-epilépticas, pelos avaliadores limitados e que desconhecem os largos horizontes da paranormalidade. Quem convive na área psicológica dos dias atuais tem por obrigação conhecer pelos menos as conceituações da doutrina espírita e o promissor terreno das terapias de vidas passadas, cujos estudos e pesquisas muito têm contribuído na ampliação dos capítulos parapsicológicos.

Tem-se observado que existe aproximação acentuada, em alguns indivíduos de sintomas patológicos com um avançado grau de consciência. Certos epilépticos de quadro clínico e eletrogênese cerebral bem definido, antes do processo convulsivo da crise epiléptica, mostram um estado de êxtase com avançadas percepções e sensações de bem-estar. Nesta fase do êxtase são criativos, possuem percepção extra-sensorial bastante conclusiva, embora depois da crise, que logo se segue, tornam-se esquecidos e com que dimentados; horas após, com o restabelecimento dos efeitos da crise convulsiva, refere-se ao período de êxtase que antecede a crise – aura epiléptica, lembrando os acontecimentos, as percepções, criações, chegando a fazer boas e notáveis composições. Foi o caso de Dostoievski, uma das grandes expressões da literatura mundial. Entretanto a aura epiléptica pode aparecer com componentes destoantes, com um quadro multicolorido assustador e negativo. Não seria a fase da aura epiléptica algo semelhante ao estado de paranormalidade, da faixa mediúnica, cujas percepções negativas ou positivas estariam relacionadas ao arcabouço psicológico do ser?

De tudo isso, poderíamos tirar ilações de que o EEG é método do mais alto interesse, a fim de traduzirmos as ondas cerebrais, somente que no momento, estamos ainda longe de termos alcançado suas integrais finalidades. As pesquisas encontram-se ainda no início; teremos muito a pesquisar e analisar, estudar e verificar. As cortinas que envolve o psiquismo ainda não se descerraram. Dia virá em que além desses ritmos e ondas já conhecidos como emissões da massa cerebral e seus respectivos desdobramentos, teremos conhecimento de outros registros da zona perispiritual, a mais periférica dos campos energéticos da psike mostrando-nos o seu retrato estrutural dinâmico.

Também a psicologia tem contribuído com intenso programa de trabalho, através inúmeros e variados testes, embora com discussões

que ora enaltecem os métodos, ora os destituem de qualquer valor avaliativo.

É claro que ainda estamos nos albores das Ciências Psíquicas e qualquer método deve ser bem aquilatado. Número expressivo de laboradores da área psicológica tem colhidos bons resultados com os testes de eficiência, e testes de personalidade. Estes últimos têm sido melhor acolhidos em suas posições de testes objetivos e testes projetivos. Nos testes projetivos salientamos o de Rorschach (mancha de tinta), o de frustração, o de Rozenzweig, e, talvez, o mais interessante de todos, o teste de associação de palavras de Jung.

Todos esses recursos técnicos, no dia-a-dia das pesquisas e observações, têm apresentado muitos saldos positivos de modo a permitir cada vez mais a abertura de novas portas de penetração no inconsciente ou zona espiritual. O setor que mais luzes têm trazido para o conhecimento do psiquismo de profundidade é o da fenomenologia mediúnica, extenso campo de proposições e finalidades, onde a Doutrina Espírita tem muito a oferecer.

CAPÍTULO III

DOENÇAS MENTAIS: NEUROSES, PERSONALIDADES PSICOPÁTICAS E
PSICOSES. OBSESSÕES ESPIRITUAIS.

Na tentativa de fazer uma pequena e sintética apreciação sobre as doenças mentais, como que classificando-as e separando-as em compartimentos, não quer isto dizer que existem quadros clínicos bem definidos a representarem entidades específicas. As distonias mentais não se mostram em seções estanques, em quadros bem separados, mas, sim, em posições imprecisas de indemarcáveis fronteiras pela interpenetração sintomática.

A extensão dos quadros mentais, em certas e determinadas posições, nos oferece as mensurações e o grau de profundidade da distonia psíquica; dessa forma teremos maiores possibilidades de avaliações e que grupo diagnóstico mais se ajusta. Mesmo assim a apresentação de muitos pacientes exige observações acuradas, pois carregam sintomas oscilantes, em formas associadas, de difícil captação. Será preciso, pois, que bem aquilatemos os sintomas predominantes, a fim de encontrarmos uma orientação mais didática possível, e poderemos situar a neurose, a psicose e mesmo a personalidade psicopática.

Os neuróticos, as personalidades psicopáticas, e os psicóticos representam os três grupos básicos das distonias mentais. Levando em consideração a estrutura psíquica pessoal, os neuróticos seriam os menos atingidos; em grau mais extenso, as personalidades psicopáticas; ficando os psicóticos no grupo dos sintomas mais graves.

Será bem claro e compreensível que a carga sintomática se mostre maior ou menor em qualquer dos grupos; ainda assim, existirão neuróticos com profundos sofrimentos, e psicóticos bem suportando as suas deficiências. Por isso dentro desses três grupos teremos de encarar o funcionamento psíquico, o relacionamento com o meio e o comportamento do próprio EU.

O neurótico é por natureza inseguro, comumente ajustado ao meio, possuindo certa harmonia psíquica. Na personalidade psicopática o grande desajuste é com o meio. Na psicose instalada, existirá a destruição das funções psíquicas. Desse modo, tentando definir esses grupos, o neurótico é por excelência, o grande amedrontado, em constante fuga, perdendo a segurança do EU; a personalidade psicopática reflete o desajuste do EU, sendo seguro

ao seu próprio modo; os psicóticos pelos bloqueios da funcionalidade mental são doentes das estruturas básicas do EU. Os neuróticos, pela insegurança do EU, mostram, constantemente, medos e angustias indefinida, em variados graus, com reflexos na conduta.

As personalidades psicopáticas, pelo EU em desarmonia, comumente apresentam defeitos de personalidade, podendo trabalhar com certa normalidade, embora aqui e ali possam mostrar impulsos irresistíveis, pelas alterações parciais da conduta, desajustando-se com o meio. Nos casos mais graves, podem tornar-se violentos, perigosos e criminosos, tal quais os que carregam intensos bloqueios afetivos refletidos em taras de variada natureza; nestas condições passam a ser fronteirios e com tendência psicótica. Nas psicoses existirão os grandes desvios mentais com perda da realidade e sem capacidade de direcionamento próprio. Alguns não se consideram doentes e vão externando condutas excêntricas, podendo alcançar certos graus de periculosidade.

Os neuróticos são os que mais sofrem e menos causam sofrimento; as personalidades psicopáticas são as que causam mais sofrimentos e que menos sofrem pela presença de frieza afetiva. Os neuróticos são inseguros e angustiados, envoltos em medo excessivo; as personalidades psicopáticas, são seguras e não avaliam por isso os efeitos de suas atitudes. Os neuróticos procuram tratamento por terem consciência de seus distúrbios; as personalidades psicopáticas quando frias de sentimentos, consideram-se sem necessidade de tratamento. Os psicóticos pelas alterações das estruturas mentais, quase sempre são necessitados de internação, perdendo comumente as condições de trabalho; em estados críticos da doença não possuem consciência da sua própria situação.

Apesar das limitações com que estamos revestindo os três grupos, os sintomas muitas vezes se alastram e invadem o terreno do outro grupo dificultando as avaliações de um determinado paciente. É o caso dos histéricos, hipocondríacos, fóbicos, obsessivos, depressivos, ansiosos de todo grau, cujos sintomas podem ser encontrados em qualquer dos grupos apresentados. A complexidade da patologia mental, na maioria das vezes, é de tal ordem, que ficamos com reduzida possibilidades avaliativas; não existindo limites e divisões precisas em certas distonias mentais, as fronteiras são quase sempre imprecisas e indefiníveis.

Neuroses: Conhecemos as neuroses pelas suas diversas manifestações na tela consciencial, sendo voz corrente de nossa ciência que tal grupo de distonias se desenvolvem às expensas de reflexos condicionados, isto é, de impulsos vindos do exterior e causticando, constantemente a zona física. Realmente os estudos de Pavlov sobre as neuroses experimentais são respeitáveis e revestidos de veracidade; as suas bases se mostram na teoria reflexológica de Sechnov-Pavlov-Vvdenski. Entretanto, lembremos que a psique humana não se limita à zona física; Aliás, esta é a zona mais pobre de recursos psicológicos. O processo neurótico está sempre mais profundo, transcendendo a zona física, atingindo outras regiões que fazem parte da totalidade psíquica.

Anotemos que a escola Pavloviana distinguiu os reflexos em condicionados e incondicionados ou inatos. Os primeiros se iriam adquirindo e com o tempo, transformariam-se em incondicionados, apesar dos seus constantes e naturais apagamentos; os demais, os inatos, estariam presentes desde o nascimento. O próprio Pavlov salientava a importância dos reflexos inatos no amparo às formações dos reflexos adquiridos. Essa assertiva Pavloviana, a nosso ver, representa uma assertiva científica da existência de campos atuantes além da zona física, embora assim não pensasse o grande mestre. Os reflexos inatos, na organização psíquica, existem desde o nascimento do indivíduo (aquisições pretéritas), em virtude de transferência energética da carga espiritual durante a construção de seu próprio casulo material (campo organizador da forma). As ligações espírito matéria são imensas e não podem ser esquecidas, pela simples razão de nosso intelecto só atinar com mensurações no exclusivo campo material. Sabemos que o córtex cerebral controla não só as funções orgânicas, mas também o relacionamento e adaptação ao meio exterior; tudo, em virtude de precisas orientações dos campos espirituais.

Por estarmos em efetiva vivência no campo físico, devemos aí trabalhar com afinco, valorizando as aquisições científicas, porém sem esquecermos que é um campo secundário, embora importante, onde se reflete a maioria dos impulsos psíquicos.

Linhas atrás nos referimos às dificuldades dos limites entre as doenças mentais. Nos casos das doenças psicossomáticas, e das neuroses, os limites praticamente não existem; entretanto devemos tomar como referência os sintomas psicossomáticos, que como o nome está a indicar, esbarram em determinado setor orgânico. Nas

neuroses a sintomatologia torna-se predominantemente psíquica, embora, muitas vezes, projetam-se na zona física, tornando-se difícil a distinção.

As neuroses foram consideradas como reação de vivências anormais, aquelas em que a resposta sentimental tem tal motivação e sentido exato, tal qual acontece diante de um fato o desencadeamento de reações de medo, tristeza, cólera, etc...

Nas reações vivenciais anormais ou neuroses, existem alterações variadas, apesar de serem enfermidades sem lesão, sem correlação física. O desenvolvimento dessas reações podem traduzir-se em angustia intensa (medo da morte, da loucura, lugares fechados ou claustrofobia ect) que se mostra pelo temor de perder o controle das faculdades mentais.

Algumas vezes, as neuroses têm um desfecho corporal, tal qual acontece nas neuroses de conversão, resultado da projeção de conflitos internos (cegueira passageira, perda abrupta de movimentos); este é o grupo das histerias que abordaremos mais adiante, no capítulo sobre as obsessões, ao lado da epilepsia.

Certos tipos de neuroses mostram sintomas de cansaço, incapacidade, dificuldade de atenção, intolerância emotiva e irritabilidade, enquadrados no capítulo da neurastenia, termo muito usado no passado, persistindo ainda na psiquiatria atual.

Existem certos tipos de neuroses que se sucedem após traumatismos físicos, revelando dores musculares, alterações sensoriais, tiques e maneirismos diversos.

Há um grupo de neuroses que se reveste de cansaço intenso, desfalecimento e falta de iniciativa; são conhecidas como neuroses depressivas.

Muito mais intensos são os sintomas ligados às neuroses fóbicas, obsessivas e compulsivas. A neurose fóbica é caracterizada por desarrazoado medo diante de certas situações, com constante deflagração sintomatológica na zona física. As neuroses obsessivas instalam-se sob intenso e tormentoso pensamento que não abandona o indivíduo.

A neurose compulsiva revela a existência de impulsos desmedidos para fazer algo absurdo. Nestes grupos encontram-se amiúde, reflexos de influências espirituais negativas, bem traduzidos como obsessões espirituais.

Personalidades psicopáticas – Entendemos como personalidades psicopáticas os distúrbios ocasionados pelos desequilíbrios na estrutura do caráter, com reflexos na vida social. Distúrbios que oscilarão entre a passividade e a agressividade, em seus graus máximos, tornando difícil em alguns casos, estabelecer a linha demarcatória do normal e do patológico. Aliás, na posição evolutiva em que nos encontramos, podemos dizer que de uma forma ou de outra, não existem personalidades completamente normais, devidos às constantes oscilações na nossa estrutura psicológica diante dos fatores ambientais e do colorido educacional.

Na quase totalidade dos casos, o portador de personalidade psicopática não se considera um anormal; acha que a dificuldade que apresenta tem origem no ambiente ou no meio daqueles com quem mais de perto convivem.

Os transtornos de personalidade, comumente serão de difícil tratamento; é como se o distúrbio estivesse impresso de modo definitivo, no EU. São condições mais bem compreendidas como reações de caráter cármico, onde o indivíduo ao reencarnar traz consigo as estruturas defeituosas; estas, pelo desenvolvimento de sintomas (“dores psicológicas”) propiciariam uma espécie de absorção com respectiva neutralização das ilhas desarmônicas do psiquismo. O processo em questão poderia encontrar no esclarecimento educacional um bom coadjuvante de tratamento.

As variedades desses distúrbios são imensas e, às vezes, de impossível enquadramento; entretanto tentando uma visão didática na abordagem do tema, podemos grupá-los do seguinte modo:

a)= *Instáveis emocionais* – Representam os imaturos, sem qualidades decisórias, pelo humor lábil, inseguros, e sem condições de enfrentar os problemas da vida diária.

Muitas vezes são querelantes, justamente por falta de decisões, e comumente empobrecidos de afetividade; tudo isso faz com que tenham desconfianças nas interrelações pessoais, mormente com os familiares.

b) = *Personalidade passiva* – São indivíduos que raramente se aborrecem, e manifestam ojeriza à violência. Não sabem e não gostam de negar, por isso ficam sempre dependentes, dominados e explorados, situação que se lhes torna incômodo. Desejam muitas vezes causar impressão no relacionamento, evitando condições agressivas; tornam-se tediosos pelas complicadas abordagens sobre os fatos. Pelas introjeções e repressões de sentimentos respondem por habituais manifestações psicossomáticas e, pela passividade excessiva, os impulsos decisórios estão bloqueados.

c) = *Personalidade agressiva* – Representam indivíduos facilmente irritáveis diante das reações vivenciais, de aspecto explosivo, o que lhes dá excessiva auto-afirmação. Quando inteligentes e de certa coerência social, podem tornar-se líderes; se são pessoas rudes, convivem em constantes querelas. A agressividade quase sempre, nada mais seria do que uma máscara a encobrir insegurança e componentes ansiosos. São indivíduos que se sentem fracos quando sozinhos, atuam em bando ou armados; fora dessa situação não se afirmam; perdem-se e acabam sucumbidos.

d) = *Personalidade compulsiva* - São indivíduos metódicos e excessivamente arrumados; ficam a todo momento verificando se seus pertences estão fora do lugar escolhido. Geralmente são intensamente dedicados ao trabalho, a ponto de desrespeitarem os sentimentos alheios; em graus extremos perdem-se em coisas sem importância, envolvendo-se em inexistentes dificuldades, refletindo um constante estado de angústia existencial.

e) = *Personalidade anti-social* – São indivíduos que se encontram em constantes conflitos com a sociedade, não obedecendo às regras da vida, são irresponsáveis e não se fixam na vida familiar, são inconseqüentes por excelência.

O código que conhecem está diretamente relacionado aos impulsos distoantes que consigo carregam; por isso são mentirosos e destituídos de tolerância para com os demais. Habitualmente descambam para a delinquência e o crime. Arregimentam –se em

quadrilhas e sempre em atividades ilegais. Quando castigados pela lei quase nunca se emendam; voltam à mesma atividade negativa logo estejam em liberdade.

Nesses grupos não devemos enquadrar os jovens deseducados, sem princípios, sem estrutura familiar. A maioria conseguem afastar-se da delinquência, por conselhos, estudo, amparo espiritual bem dirigido e tudo o que representa adorno educacional.

f) = *Desvios sexuais* – São muitos e variados, onde encontramos as perversões do sadismo, masoquismo, exibicionismo e violências de toda ordem. Neste grupo a grande percentagem está no homossexualismo, condição de extenso campo de avaliação psicológica.

A personalidade homossexual, em grande número de casos, tem mostrado ao lado da amabilidade, incontida egolatria, algumas vezes acompanhando posições narcisistas, contribuindo com certo grau de hostilidade para ambos os sexos. São pessoas mais tendentes a ansiedade e a outros sintomas neuróticos, tais como fobias e depressões; quase sempre são portadoras de esquemas mentais complicados, tornando-se prolixos e fastiosos no diálogo.

É fácil compreender as variações e condições que acompanham os desvios da homossexualidade, de fácil abordagem em restrito espaço. Os indivíduos que conseguem superar os desvios e vão se normalizando sexualmente, também vão apresentando intensas modificações psicológicas.

g) = *Alcoolismo e toxicomania* – Representam um grupo de personalidades psicopáticas, variando de acordo com o grau de intoxicação em que se encontram, e das lesões desencadeadas pelo abuso. Mais graves que as lesões físicas são as de caráter psicológico, sempre presentes nos chamados dependentes.

Nas personalidades psicopáticas, ainda existem três grupos merecedores de atenção:

1 – *Personalidade esquizóide* – englobam indivíduos frios e com dificuldade de participarem do calor humano; pelo isolamento em que se refugiam têm dificuldades no colóquio familiar. Reservados por natureza, medo excessivo de doenças, chegando alguns a serem hipocondríacos. Vivem mais para o seu próprio mundo e não gostam de vê-lo descerrado e invadido. São desconfiados e muito

sensíveis; sempre em atitude psicológica de defesa receando o julgamento alheio.

2- *Personalidade ciclotímica* – São indivíduos que oscilam entre tristeza e alegria; a tristeza está relacionada à reação depressiva. Apresentam acentuado grau de extroversão, em oposição à introversão do esquizóide. São dados, fazem amigos com facilidade, chegando a demonstrar demasiada alegria. São constantes em suas flutuações de humor, por existir um ponto de insegurança em seu próprio EU, mas não dão muita importância a essas variações; quando no período de depressão, afirma: Em breve sairei da fossa. Na fase de alegria intensa sentem-se impulsionados pelos gestos excessivos e vestuário com alguma extravagância.

3- *personalidade paranóide* – São indivíduos que oscilam entre a suposição de hostilidade contra a sua pessoa e a existência de franca perseguição. Algumas vezes, pela exaltação dos pensamentos, podem apresentar-se com mania de grandeza, o que os torna mentirosos e desacreditados.

Psicoses – As psicoses representariam os mais severos quadros de doenças mentais, com multiplicidade sintomática, quase sempre associada a complicações psicológicas, de modo a traduzir graves e profundas lesões psíquicas.

Considerando as psicoses como autênticas doenças da alma ou do espírito, em severas respostas kármicas, quase sempre demarcando toda a jornada carnal, apesar da terapêutica ao nosso alcance. Algumas vezes o tratamento pode alcançar êxito, banindo definitivamente os sintomas, mas quase sempre ficarão marcas psicológicas de maior ou menor evidência; outras vezes, consegue-se apenas ampliar as fases intercríticas, mas não afastar a doença. O indivíduo passa a vida envolvido em sintomas, alguns dos quais por não terem o devido esgotamento no campo do exautor físico (personalidade) perduram e refletem-se em outras jornadas reencarnatórias.

As observações dos quadros psicóticos foram mostrando tendências para esta ou aquela posição, permitindo a formação de grupos que, devidamente arregimentados, possibilitam classificação.

Os grupos psicóticos são comumente entendidos em dois grupos clássicos: a esquizofrenia e psicose maníaco-depressiva (bipolar)

A esquizofrenia ocupa grande cota de manifestações psicóticas. Como todo quadro psicótico, quando mais cedo atinarmos com os sintomas, maior será a possibilidade de cura. Na esquizofrenia, a sintomatologia mais comum consiste na redução do relacionamento interpessoal e mergulho num mundo próprio de fantasias delirantes, em características persecutórias, delírios de grandeza e mesmo alucinações auditivas. Estes delírios de variada ordem, são considerados originados nos próprios campos psíquicos do paciente; entretanto podemos asseverar também existir, nestes doentes, possibilidades autênticas de fenomenologia mediúnica associada, causado por entidades desequilibradas. As sessões práticas espíritas de desobsessão, realizadas por pessoas experientes e de bom senso, têm demonstrado a importância desses fatos, que não devem deixar de ser estudados e meticulosamente apreciados como severas reações cármicas de intercâmbio obsessivo. O portador do processo obsessivo realmente está absorvendo, à sua volta, a influência espiritual negativa, o que outros classificam de delírios próprios da doença. Neste caso será bem lógico dizer-se que existem delírios pessoais, como a percepção auditiva persecutória partindo de entidades espirituais reivindicadoras. (desafetos pretéritos)

O mundo interno do esquizofrênico quase sempre é de tal intensidade que os pacientes chegam a desligar-se completamente do meio ambiente; alguns permanecem nesse estado por muito tempo, fragmentando os próprios pensamentos, de modo a causar bloqueio emocional com reflexos de ilógicas criações.

Devido a grande variedade de sintomas, e a fim de facilitar o entendimento, a esquizofrenia foi classificada em três tipos:

- a) = *Esquizofrenia simples* – Em que o paciente vive mais o seu mundo interno, apresentando acentuado desequilíbrio de adaptação social.
- b) = *Esquizofrenia hebefrênica* - própria da fase adolescente, predominando os maneirismos, risos sem motivação e isolamento sem relacionamento.

- c) = *Esquizofrenia catatônica* – caracteriza-se pela variedade de atitudes estereotipadas, acompanhando imobilidade. O paciente fica por muitas horas em uma mesma posição
- d) – *Esquizofrenia paranóide* – Traduzindo a presença constante de delírios, principalmente de perseguição. Os doentes dessa classe são de difícil tratamento, pela insistência e fixação dos sintomas. Pelo bloqueio afetivo, são comumente traiçoeiros e perigosos. Na psicose maníaco-depressiva, como o nome está a dizer, o paciente pode apresentar sintomas maníacos intercalados com fases depressivas. Também pode acontecer que o doente se situe, por tempo indeterminado numa das fases.

Na fase maníaca, o indivíduo geralmente possui atividade intensa pela velocidade do pensamento, verbosidade, frases mirabolantes, com severas modificações na emotividade. Tornam-se extravagantes, usam roupas de fortes coloridos, fazem gestos inadequados e, muitas vezes, envolvem pessoas em seus planos destoantes. Quando são contrariadas em seus propósitos, podem reagir com violências.

Na fase depressiva, a desesperança alcança a posição extremada. A perda de interesse é total. Sentem-se fracassadas, sem condições para viver, o que pode levá-las ao suicídio. A melancolia é a tônica da própria vida, podendo externar alguns laivos de delírio. Quanto existe algum diálogo, o pessimismo estará sempre à frente das idéias.

Obsessões - Nesse grupo desejamos incluir conceitos mistos e que transbordam das costumeiras aferições psiquiátricas. Queremos dizer que existe uma sintomatologia de difícil avaliação, causada por influências espirituais demarcantes, em faixas absolutamente negativas; isto é, a influências de espíritos ignorantes ou não, mas com instintos agressivos, a sintonizarem em faixas que lhes são afins.

Consideremos também que a sintomatologia obsessiva pode ter origem em etapas reencarnatórias pregressas, onde o indivíduo adquiriu o processo que passou a fazer parte da sua própria estrutura psíquica. Desse modo, a distonia em determinada etapa posterior da vida, num autêntico processo catártico, desencadeará sintomas cujas 'dores psicológicas' propiciarão a neutralização do setor desarmônico e, com isso, o respectivo equilíbrio.

Os fatos dessa natureza, perfeitamente observados em atividades espíritas, anotados nas chamadas sessões de desobsessão, não podem ficar sem o devido enquadramento e conceituação, como que à margem da psiquiatria.

É lógico compreender-se a dificuldade de distinguirmos nas obsessões, se a origem é pregressa ou recente, e se estão sendo nutridas por influência espiritual desarmônica. Pelo modo de apreciação com que se reveste o processo obsessivo e respectiva evolução dos sintomas, parece tratar-se de um mecanismo combinado; as limitações são imprecisas, porém com incontestável presença. Também é importante que se diga que os pacientes do grupo obsessivo podem desembocar, de modo definitivo no estuário da patologia mental, se não houver o devido amparo, em orientação e tratamento, que atenda em tempo, toda a desestruturação psíquica.

Tem-se que na maioria das doenças mentais, dos mais leves e inexpressivos sintomas às mais severas demarcações, conotações de caráter espiritual. Isto porque estamos mergulhados num campo de energias psíquicas e de constante sintonia com os nossos afins.

Nos doentes mentais de maior carga cármica, as demarcações vibratórias serão muito mais intensas do que daqueles que trazem menores fatores negativos do passado; portanto, a intensidade do processo deletério variará de acordo como o campo de envolvimento espiritual.

Fornecer um quadro patológico que caracterize as obsessões é assunto bastante difícil, porquanto os sintomas estão sempre imbricados e de impossível separação. Será sempre difícil dizer até onde existe uma doença mental e um processo obsessivo espiritual absolutamente separado um do outro; a associação será a tônica dominante.

Médicos e psicológicos que possuem uma farta margem de vivências na Doutrina Espírita e no complexo campo das sessões de desobsessão podem, com certa facilidade, orientar os procedimentos. Os hospitais psiquiátricos espíritas, em suas estatísticas têm mostrado de modo incontestável, o valor das associações da terapêutica usual e das alternativas.

As obsessões apresentam-se, costumeiramente, em sintomas oscilantes, nem sempre bem definidos, mostrando-se com inclinações ora para a neurose, ora para as personalidades psicopáticas; mesmo assim, em ambos os grupos, as inserções de características psicóticas, estão quase sempre presentes. De tudo isso deduz-se que, diante da complexidade do quadro obsessivo e do desconhecimento das realidades espirituais, muitos analizadores da área em questão preferem enquadrá-lo nos conhecidos e já clássicos grupos da patologia mental. Cremos que esse procedimento é um erro e representará atraso científico; os fatos existem, mostram-se, e devem ser pesquisados, analisados e estudados.

Em nossas cinco décadas de observações sobre o enfoque científico da Doutrina Espírita, anotamos que a sintomatologia obsessiva desfila de modo preponderante e bem mais comum, nos conhecidos grupos da histeria e das epilepsias, em imensas variações, revestidos dos coloridos das personalidades psicopáticas e das inserções psicológicas.

Histeria – A histeria representa um bloco de sintomas físicos, com perturbações visuais, auditivas, paralisias parciais, agitações, depressões, desmaios, etc. alterando o comportamento pela existência de desordens psicológicas profundas.

A histeria está praticamente ligada à cultura ocidental; esteve em tempos passados misturadas a transe diversos, inclusive de características religiosas, acreditando estar relacionada a “humores uterinos”, daí o seu nome, e como tal, doença exclusivamente feminina. É preciso que se diga que a histeria não atinge tão-somente mulheres, como se pensava até a bem pouco tempo, mas, também os homens, com um componente sintomático bastante expressivo.

Pela suas características, a histeria assemelha-se à epilepsia, pela perda de consciência e “ataques”. Pelo transe histérico, o paciente sabe sempre cair, jamais se machuca; diferente do epiléptico, que quase sempre se fere durante as convulsões, inclusive mordendo a própria língua.

A sintomatologia pode revestir-se de estados crepusculares em graus diversos, obnubilação de consciência, comportamento transtornado indiferente ao ambiente, seguindo-se de amnésia com apagamentos temporários das próprias vivências (amnésia

lacunar). As paralisias são freqüentes nesses pacientes. Paralisia sem explicação e causa aparente, tal qual acontece com as anestésias, atingem seguimentos do corpo, em tonalidades múltiplas.

O histérico pode apresentar distúrbios de fonação, desde as afonias passageiras, até dias sem articulação da palavra, a ponto de o paciente comunicar-se pela escrita; distúrbios oculares com perda passageira da visão. Alguns pacientes chegam a mostrar aumento do abdômen diante da suposição de gravidez. Os sintomas amiúde são equivalentes, isto é, quando um deles desaparece outro logo surge. Os traumatismo de guerra e acidentes de trabalho podem desenvolver sintomas dessa área como um autêntico processo de defesa, refletidos em reivindicações mesmo de modo inconsciente.

Na mulher, existem conflitos mais de características eróticas, criando problemas de toda ordem. Conflitos que podem chagar ao máximo grau de frigidez, deslocando o processo para experiências místicas e artísticas. O histórico pode desembocar nas ansiedades e depressões, envolvendo-se em cota neurótica até a máxima intensidade.

A personalidade histérica e, comumente, teme a solidão. Pode apresentar-se como pessoa bastante dependente, e como tal, passiva; outras vezes mostram traços inversos, com tendência á teatralização e dramatização. Nesta última posição, tornam-se extravagantes no vestuário e nos impulsos maníacos, contando fantasiosas histórias, bastante fora da realidade, a ponto de não se saber separar o falso do verdadeiro; o único drama que lhes importa é o da sua própria imaginação. Choram e riem com facilidade e fora das medidas.

Colocamos a histeria na faixa neuro-obsessiva pela sua íntima relação com o componente espiritual. Devido à multiplicidade de sintomas e variações afetivas, os histéricos são pacientes que se eternizam em tratamentos de toda ordem, da psicanálise às drogas, e mesmo às terapias alternativas; buscam tudo desenfreadamente.

O histérico, por si só, possui uma estrutura psicológica rica em deficiências, e, por isso, mais facilmente demarcada pelas influências espirituais, que no dia-a-dia vai ampliando os

desajustes. A influência espiritual seria uma constante hipnose, de modo permanente, a criar tensões internas que se acabam derramando na tela consciente em forma de sintomas.

Aliás, pelos passos hipnóticos, pode-se conseguir a reprodução de sintomas histéricos. Foi justamente às expensas do mecanismo hipnótico que o Prof. Charcot, na Salpêtrière, no final do século passado, fez interessantes estudos sobre a histeria, permitindo um mundo complexo de interpretações. Nesta época, através de seu discípulo S. Freud, iniciam-se as observações que, posteriormente dariam início à psicanálise, depois que o mecanismo hipnótico foi mais bem equacionado, na escola de Nancy, por Berheim e Liébault.

Epilepsia – No processo epiléptico, como no histérico, existe um arcabouço psicológico oscilante, como pano de fundo, porém mostrando tendências muito mais marcantes; isto porque no processo epiléptico, mais do que no histérico, a obsessão espiritual parece ser ressonante e como que se impondo na estrutura íntima do espírito.

Diríamos que os núcleos-em-potenciação estariam comprometidos em suas estruturas básicas, exigindo especial reconstrução.

A epilepsia, conhecida da mais remota antiguidade, pelo transe de que se reveste, foi interpretada pelos gregos como doença sagrada. Em Roma, a crise epiléptica era considerada uma resposta colérica dos deuses; quando se dava durante um comício era logo suspenso – Daí o nome de “mal comicial”. O termo epilepsia foi criado por Avicena, médico árabe do século X, significando acometer de surpresa.

Somente no nosso século a ciência conseguiu melhor compreender a doença epiléptica, com o auxílio da eletroencefalografia, embora ainda estejamos bem longe de um entendimento detalhado do seu mecanismo. O EEG pode trazer dados informativos, mas não traduz pelo traçado das diversas ondas cerebrais as verdades que gostaríamos de saber.

Na epilepsia, muitas vezes existem lesões das células cerebrais, lesões anatômicas e funcionais, enquanto que na histeria o distúrbio é psicológico por excelência, sem lesão anatômica. Daí, podermos dizer que o quadro epiléptico parece traduzir um grau de maior intensidade de influências espirituais pregressas; isto é,

a mente do epiléptico, em alguns casos tendo sido comprometido em etapas anteriores de vida, os efeitos podem manifestar-se posteriormente, mesmo que a influência espiritual negativa tenha desaparecido. Também devemos dizer que muitas formas epiléticas se instalam devido a traumatismos cranianos, sem correlação com o pretérito.

As variações clínicas da epilepsia atualmente constituem um avantajado tratado de observações, a fim de termos uma idéia de como o processo se manifesta dentro daquilo que foi denominado de pequeno mal, grande mal e crises centro-encefálicas.

a- *Crises parciais*, onde existem alterações da consciência, porém com a presença de sintomas motores, que podem atingir até a linguagem, e sintomas sensitivos, como modificação das percepções sensoriais (audição, visão, sensibilidade tátil, olfato, gustação). Neste grupo foram notadas modificações afetivas, intelectuais, e a presença de ilusões, alucinações, e até a obnubilação da consciência. Estes últimos sintomas se confundem com os autênticos fenômenos mediúnicos deformados, que estão a exigir estudos e análises aprofundadas. Podemos dizer que as crises parciais, também podem ser tão rápidas que passam despercebidas pelo próprio paciente. São indivíduos que apresentam pequenas paradas de alguns segundos, em suas atividades e retomam-na como se nada tivesse acontecido.

b- *Crises generalizadas* – São crises representadas pelas convulsões nas variedades tônica e clônica.

Existem nesse grupo as formas não convulsivas, onde apenas a consciência está comprometida e sendo marcantes os diversos estados de ausência.

c- Anote-se ainda, as crises unilaterais, onde somente um lado do corpo será comprometido, e as crises erráticas, pelas mudanças de sintomas a ponto de não podermos situar a classe a que pertencem.

Existem muitas outras classificações, plenas de complexidades, que aqui não cabem referidas, mas que estão a demonstrar a variedade sintomática de tal processo.

Ponto de real importância, neste capítulo vem a ser a personalidade do epiléptico, que tentaremos descrever, em caráter geral abordando as suas diversas posturas num único quadro.

O epiléptico pode apresentar-se como um indivíduo psicologicamente pegajoso, egocêntrico, explosivo e até mesmo com uma tendência religiosa doentia. As modificações de caráter é ponto ainda de bastante discussão. Não se sabe se o caráter advém da instalação do processo epiléptico ou se a epilepsia já é consequência da deformação do caráter. Tem-se observado que antes mesmo da instalação epiléptica, o caráter já entrou em modificação, ou pelo menos contribui na exaltação da mesma. Assim o componente constitucional, aquele que vem com o indivíduo desde o nascimento, já carrega a distonia; isto é, ao reencarnar traz as raízes doentias no próprio espírito que as transfere para a tela consciente ou zona física durante a morfogênese.

Pela descaracterização da personalidade, há, quase sempre, lentidão nos processos emotivos e mentais. O pensar é estacionário, evasivo e difícil; não há flexões de pensamento. O pensamento como que fica num determinado ângulo, onde o indivíduo se fixa como que numa verdadeira posição de viscosidade, não conseguindo desprender-se. Isto faz com que os interesses fiquem limitados, caminhando o paciente para uma posição egocentrista, sem condições de mudança, tornando-se um limitado e rígido conservador; nesta posição, pode-se apresentar com exageradas medidas e obséquios, tentando minimizar seus impulsos; porém, pela insistência sem limites tornam-se inconvenientes.

As explosões de temperamento são uma tônica constante. Às vezes entram em processo depressivo, cultivando a melancolia como forma continuadora das explosões. Por terem quase sempre compleição atlética, nos excessos explosivos podem tornar-se perigosos.

A maioria das doenças mentais encontram-se nos comprometimentos cármicos. O passado do ser humano envolvido em interesses pessoais e egoísmo de toda ordem, necessita de retificação, afim de que a sua caminhada evolutiva possa alcançar parâmetros de sublimação, situação em que todos

um dia alcançarão. Bem claro que sempre estaremos na dependência de nossas próprias atividades e realizações; não importa o tempo para tal fim, considerando-se a eternidade. Os impulsos internos que carregamos nos convidarão a tomar as direções corretas e ajustadas em face dos fatores ambientais, mesmo que no hoje, a construção se faça mais através de dores, inclusive as psicológicas que caracteriza as doenças mentais.

Nas aferições dos processos cármicos, demos certo destaque aos grupos da histeria e da epilepsia, a representarem em sua grande parte, as obsessões espirituais. As fontes que carregam os defeitos de nossas vidas pregressas como que se deformaram perante a absorção dos erros e inconseqüências criadas pelas nossas atitudes menos felizes, propiciando sintomas, avivados por influências espirituais negativas, sintomas que num determinado período do rosário reencarnatório exige correção.

O nosso espírito será o resultado de um imenso desfile pelos reinos da natureza, iniciando-se nas experiências mais simples, na escala mineral; quando adquirimos sensibilidade (irritabilidade celular), no mundo vegetal; desenvolvendo instintos, nas amplas variedades das espécies animais, e a razão, com o despertar da consciência na família hominal, onde os núcleos instintivos se vão maturando e burilando, de modo a revelar novos potenciais. Muitos desses núcleos instintivos, no ser humano, atrasado em seu desenvolvimento e desestruturados, refletindo em reações cármicas, podem exteriorizar impulsos primitivos imbricados no processo patológico ativo.

No caso dos sintomas histéricos e epilépticos podemos anotar perfeitamente reações bem primitivas fazendo parte de seus núcleos centrais. Na histeria, anotaríamos o “fingir-se de morto”, como que comandando o transe que lhe é característico. Na epilepsia, já teríamos a “tempestade de movimentos” nutrindo as crises convulsivas. Os instintos dessa natureza, ativados pelo processo patológico, por sua vez, seriam devidamente burilados pelas dores, criados pelos sintomas em atividade; o efeito iria concorrendo para a neutralização da causa e, de futuro, com integral aproveitamento psicológico. Em outros termos: É a doença propiciando as dores que serão verdadeiras vacinações e mecanismo de equilíbrio para as estruturas em desordem.

Estes dois tipos de instintos observam-se em muitas espécies animais quando, diante do perigo, não oferecem qualquer possibilidade de fuga ou luta. O animal ou se finge de morto (imobilidade) a fim de enganar o mais forte inimigo, ou enfrenta-o em movimentos desarvorados (tempestade de movimentos), com a finalidade de aterrorizá-lo, estampando alguma reação. O fingir-se de morto representa poderoso instinto de defesa. Os predadores atentam-se melhor para sua presa quando em movimento; a ausência de ruídos e movimentos determinam perda de contato, que a visão dos animais quase sempre não consegue suprir. Certos animais, insetos, lagartos, etc. neste estado de imobilização defensiva confundem-se com as cores dos locais (mimetismo) ampliando o processo de defesa; alguns outros chegam mesmo a apresentar um estado cataléptico pela acentuada imobilização.

Na tempestade de movimentos, reação menos comum que o fingir-se de morto, o desespero do animal é de tal ordem que chega a produzir acentuados movimentos paroxísticos que não respondem propriamente por luta; são movimentos desordenados a fim de afugentar o predador; são movimentos convulsivos estereotipados, lembrando a crise epiléptica. As brigas do cão com o gato, de inúmeras aves, enquadram-se neste tipo de reação. Certos estados catatônicos, nas psicoses, lembram essas reações.

As crises histéricas e epiléticas, como as reações primitivas dos animais, acompanham modificações acentuadas do próprio psiquismo. As reações de imobilização mostram-se, quando de curto período, nas paralisias, anestésias, cegueira passageira, estados catalépticos, bem próprios dos histéricos. Nas tempestades de movimentos observam-se os tiques, maneirismos, movimentos convulsivos, tal qual acontece no epilético.

No homem normal existem inúmeras situações que demonstram esses tipos de reações, embora em graus bem diferentes daquilo que mostram em estado patológico. Por exemplo: Ficar paralisado de medo (imobilização); as crises infantis de choro intenso, com reações de cólera. Tudo isso a demonstrar como necessitamos melhorar nossas condições educacionais, a fim de avançarmos no processo evolutivo, em burilamento de instintos primitivos, lastreando-os com novos potenciais mais elevados.

A obsessão, como processo negativo, possui estruturação bem definida, obedecendo a intermináveis graduações, com específica localização nas raízes do psiquismo.

Todos sofremos influência, porém daremos respaldo e sintonia com aqueles com quem nos afinizamos. Se nos encontramos em posição espiritual sadia, consequência de nossas sadias atitudes, teremos gratificações de equilíbrio e do discernimento. Se nossa posição se afasta das posições positivas, onde a ética praticamente prepondera, sofreremos as influências dos campos negativos e, o que é mais importante, na intensidade que nos afastamos do bem, pelas conotações das raízes pretéritas que traduzirão o grau de envolvimento. Consideremos também, as atitudes pessoais do indivíduo, o seu momento evolutivo e a sua escolha no jogo do livre-arbítrio. Desse modo anote-se a importância dos fatores do meio e as elaborações psíquicas de superfície (zona física), que são absorvidas e influenciam a própria organização.

De tudo isso, podemos compreender, que o processo obsessivo exige tempo, a fim de que haja fixação das negatividades nas raízes do espírito daquele que no desenvolver das atitudes pouco recomendáveis, abriu os campos da alma permitindo a sintonia. Sob as influências psíquicas negativas, alguns apresentam reações leves e de mais fácil remoção, outros tantos carregam por anos as suas inconseqüências. Estes últimos somente diante das dores advindas do processo conseguem neutralizar, em tempo específico, as manifestações obsessivas.

Os quadros de mais fácil remoção encontram suas raízes nas camadas periféricas do psiquismo; isto é, da faixa do perispírito até a zona do campo material geralmente são respostas reativas mais fracas, portanto, mais fracas foram as reações negativas. Os casos mais críticos, de duradouras reações e de difícil neutralização, permite asseverar que existem implantações negativas em plenas camadas espirituais, aquelas que são envolvidas pelo corpo ou campo mental, portanto, implantações nos alicerces do espírito. Implantações, habitualmente,

representam muitos componentes sedimentados por várias reencarnações, isto é, ações maléficas foram desenvolvidas em várias vidas em muitas oportunidades, daí sua sedimentação nos arcanos da alma.

Nesta conjuntura, é fácil avaliar que a implantação de um processo obsessivo será variável e proporcional a intensidade da ação. Quanto maior for o desenvolvimento de uma ação negativa de resposta refletida nas reações kármicas de toda ordem, tudo dentro de uma lei que se perde no infinito fenomênico de suas próprias reações. Por isso Kardec foi bem expressivo quando classificou as obsessões em três parâmetros: O primeiro, o mais leve, denominou obsessão simples, o segundo, como grau intermediário, a fascinação, e o mais avançado, subjugação ou possessão.

Na obsessão simples, o indivíduo possui total capacidade de raciocínio, percebe as distonias, chega mesmo a classificar certas tendências como não sendo suas. Havendo interesse pessoal, ao lado de orientações e conselhos, o indivíduo reage com certa facilidade. O importante é que o agredido procure orientar-se dentro de uma ética sadia, onde o próprio comportamento possa refletir atos positivos na tela consciente. Nesta contingência a Doutrina Espírita torna-se valiosa por fornecer elementos que possibilitam conhecimento daquele que sofreu o pequeno desvio. Se as atitudes do ser passam a ser coerentes, ele mesmo consegue livrar-se das influências, e o que é mais importante, torna-se psicologicamente falando, mais maduro; é como se fosse vacinado pela distonia temporária.

No segundo grau de obsessão, o processo de fascinação, apesar de o indivíduo raciocinar, ler e conhecer certas máximas qualitativas da vida, encontra-se com o bloco dos sentimentos fixados em determinadas idéias. O ser somente enxerga o que lhe convém – a influência negativa em constante ação. Mesmo que possua alguns conhecimentos espiritistas ou mensagens de alerta, as suas idéias estão convergidas para uma única direção; esses indivíduos “flutuantes” jamais absorveram e muito menos procuram ter atitudes de vida coerente com a moral espírita, que é séria e sem pieguismos. Ficam flutuando na superficialidade, e somente enxergam as suas sugestões emocionais, que na maioria das vezes, não são próprias e sim absorvidas de sutis influências negativas. Todos os que carregam influências pretéritas e que

não procuram corrigi-las, em útil movimentação de trabalho, pode ser colhido nas malhas menos felizes das influências das irradiações espirituais em desalinho. Essas fixações se dariam na maioria das vezes por elogios desmedidos ou pela exaltação de conhecimentos inexistentes. Na absorção desses mananciais depreciativos haverá desencadeamento de autêntico processo de autofagia psicológica, pela sintonia com o elogio despropositado, ou pelas manifestações festivas de inexistentes valores, a fim de satisfazerem o próprio ego perante as efusões de mediocridade. Com isso os canais da alma ficam ligados às forças negativas e o envolvido passa a incorporar, definitivamente, a idéia ou grupo de idéias e a defendê-las, até com certa dose de insistência; essa condição pode dar nascimento às manifestações compulsivas, isto é, necessidade de realizar o impulso emocional em ação.

Nesta segunda categoria colocamos, como típicas posições, o ciúme desmedido e o narcisismo. Este último campeia na nossa sociedade nas mais variadas manifestações, tanto no elemento masculino quanto feminino. Citar exemplos seria fastidioso; basta lembrar as lutas humanas pelos cargos representativos de toda natureza, incluindo posições de poder intelectual e industrial. Também o narcisismo, quando cultivado, encontra-se presente nas atitudes pessoais, com seus imensos reflexos na música popular, pintura, escultura e tantas outras atitudes humanas. No avanço do individualismo dos nossos dias, onde a cooperação está quase afastada da sociedade humana, dando lugar à competição, nunca houve tanta egolatria.

Os espelhos das academias de ginástica têm incentivado exercícios excessivos, com exclusiva finalidade de criarem “belos heróis”. Homens e mulheres estão penetrando nesta escalada, desnudando-se a fim de se auto-apreciarem e, o que é mais triste, muitas vezes entrando numa atrofia intelectual, mostrando apenas músculos e formas do corpo físico como a coisa mais importante. Ao lado disso procura-se a lipoaspiração, cirurgia plástica pelos mais idosos, com muito pouca indicação cirúrgica, reflete os excessos de nosso tempo.

O indivíduos nessas compulsões desarmônicas, passam a absorver o resultado de seus próprios desequilíbrios, de modo a acumular e formar um conteúdo negativo, que, um dia terá de exteriorizar-se, a princípio sob forma de irritações psicológicas de pouco significado, até o aparecimento de anseios, ligados à

não realização dos projetos da vida. Dos anseios aos degraus das ansiedades o salto é pequeno. Com a evolução do processo, vão apresentando sintomas mistos e mais complexos de auto-obsessão que, fatalmente, desaguará em obsessões maiores, nutridas pelas irradiações psíquicas daqueles com quem se afinizam.

As manifestações máximas da obsessão, como terceiro e último estágio, estariam nos graus da subjugação, verdadeiro estado possessivo. Nestes patamares, encontramos imensas variedades, onde as distonias mentais ocupam lugar de destaque dentro das notórias manifestações neuropsicóticas.

Pelo pequeno estudo que fizemos das neuroses, personalidades psicopáticas, psicoses e o tão ainda incompreendido grupo das obsessões, podemos tirar ilações da existência de uma totalidade psíquica, oscilando entre condições hígidas e patológicas. Assim existirão indivíduos de inteligência primária até os graus mais avançados de genialidade, como também se mostrarão indivíduos com laivos neuróticos de pouca significação, aos mais afetados por severas psicoses.

Mensurar o psiquismo nos estados intermediários, onde o normal se vai envolvendo no patológico e este no normal, é tarefa de difícil avaliação. Realmente não temos possibilidade de equacionar e escalonar devidamente o mecanismo psíquico. Muitas vezes nos enganamos diante de certas atitudes psicológicas por não saber em que área, se normal ou patológica, deve ser entendida; isto porque inúmeros fatores estarão sempre em jogo, principalmente as de caráter educacional do indivíduo.

As dificuldades se vão tornando expressivas quando limitamos o campo de atuação, isto é, ao colocarmos todo o mecanismo patológico mental exclusivamente nas desordens da zona material. A maioria dos processos psíquicos se passam justamente na zona energética do psiquismo – zona inconsciente ou espiritual, zona que está sempre a nutrir e orientar a tela física. Logicamente, as desordens que se passa na zona física são, ante de mais nada, desordens da zona espiritual. Bem claro que isto não quer dizer que não existam distonias mentais de exclusiva responsabilidade das células nervosas, quando lesadas, principalmente por traumatismo e desequilíbrios hormonais diversos.

De há muito pesquisas e observações chamavam a atenção para a existência de um campo transcendente á zona física, como que mostrando uma estruturação funcional específica pelos seus reflexos na zona consciencial de nossas costumeiras manifestações psíquicas.

O conhecimento orientalista, desde os Vedas e Upanishads, á escola de Alexandria, às revelações herméticas é a própria filosofia grega pré-cristã, já mostrava nos seus conceitos filosóficos a existência de uma importante e expressiva zona energética no psiquismo humano. Os milênios desfilaram em igualdade de conceitos, até que no final do século XIX fez despontar as mesmas idéias com maior vestidura científica. Os estudos de P. Janet e Charcot e as mais categorizadas escolas do hipnotismo muito contribuíram para a grande revolução de conceitos sobre a existência da zona inconsciente, embora com variadas interpretações. Aparece a escola Freudiana, responsável por variadas interpretações a respeito das desordens psíquicas, de incontestável influência no cenário psiquiátrico de nosso tempo a ponto de haver desdobramento das suas idéias em escolas mais recentes.

Nos dias atuais, o campo da existência do inconsciente torna-se uma verdade científica. Incontestavelmente, cabe aos valorosos estudos Junguianos a estruturação das energias do psiquismo de profundidade e suas mais autênticas influências na psicologia e psiquiatria moderna.

Foi praticamente Jung, quem mostrou a riqueza dos campos energéticos do inconsciente e como sendo área jamais originária do setor material. A zona do inconsciente, pela suas superiores condições de orientação, é quem oferece a devida sustentação ao campo da matéria. A escola Junguiana persiste pelos seus reais valores, embora não seja de agrado dos chamados materialistas. Jung realmente deu o grande vôo, abrindo as comportas do psiquismo de profundidade à análise do limitado intelecto humano, ainda não auscultamos o teor de todas as suas idéias, porquanto alguns as consideram mais de caráter espiritual e filosófico do que propriamente científica. Quando a humanidade, cientificamente mais bem mais bem situar-se nas posições espirituais, reconhecerá as obras de Jung e de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, concorreram para esse grande evento.

A herança das escolas psicológicas e métodos correlatos, ao lado das observações e ordenações psiquiátricas de toda ordem, permitem trazer-nos, mesmo como hipótese de trabalho, algumas idéias na explicação das desordens mentais, idéias que só terão ampliação e crescimento se anexarmos em seu contexto as vidas sucessivas e o respectivo rosário reencarnatório, a responderem pelas ações e reações que o processo cármico reflete.

Tanto nas neuroses quanto nas personalidades psicopáticas, os distúrbios psicóticos e obsessivos podem ser mais bem entendidos como reações do campo interno ou espiritual, refletidos na zona física. Pelas vivências nas diversas personalidades (corpos físicos), o indivíduo vai incorporando todo o material experienciado, de qualquer tonalidade, seja da faixa positiva ou negativa. Como na Terra encontramos espíritos encarnados, em sua maioria endividados pelos desequilíbrios pretéritos, é lógico conceber-se quanto a lei exigirá na construção de cada devedor. As reações daí advindas, as conhecidas reações kármicas, se refletirão de modo equacionado e preciso em determinada época palingenética, isto é, reencarnatória. O corpo físico, como tela de manifestação do espírito que o construiu e o habita, acolherá todos os componentes que por aí deságuam.

Passam, assim, o corpo a representar um verdadeiro exautor da zona inconsciente. O deságüe das estruturas incongruentes do espírito, na organização física, naturalmente desencadeiam reações proporcionais aos impulsos de origem, dando em resultado o imenso quadro de doenças, onde as de caráter mental representariam as mais severas respostas. Com esse mecanismo as reações patológicas desencadeadas na zona física seriam o remédio ideal de compensação para o espírito.

A dor de toda a natureza, física ou psicológica, com seus acúleos, teriam a possibilidade de neutralizar os campos doentes da alma.

Vimos no capítulo I, no esquema do psiquismo, a existência de pontos de energia na zona do inconsciente passado ou arcaico. Essas fontes por nós denominadas núcleos-em-potenciação (aquétipos), pelas suas constantes emissões de energia, ao tempo que se deslocam para os campos da matéria, ir-se-ão se arrefecendo pelo desgaste irradiativo, exigindo, destarte, recompletamento energético; este se faria pela absorção das

reações desencadeadas no corpo físico. Se as irradiações dos núcleos-em-potenciação do inconsciente carregam energias harmonizadas, é claro que as respostas terão graus de idênticos valores para as raízes espirituais; porém irradiações de núcleos deficientes pelos desequilíbrios pretéritos só irão influenciar a organização física, de modo a desencadear distonias em grau e matizes variados da estrutura psicológica. Nestes casos, as dores advindas de tal mecanismo, seriam absorvidas pelo imo do espírito, em especial e desconhecida metabolização psicológica, a fim de neutralizar e burilar os núcleos desarmonizados que deram origem ao processo.

Os núcleos-em-potenciação do inconsciente passado, pleno de cargas negativas, tendem ao transvazamento de seus próprios campos, por um autêntico processo maturativo. As energias assim acumuladas drenam para a periferia, alcançando a zona consciente, perturbando o seu metabolismo e espalhando -se em leque doentio. O desenvolvimento do processo em questão, por estar ligado ao acúmulo de energias da zona profunda do psiquismo, nem sempre se expande em cargas suportáveis; algumas vezes a expansão é violenta, verdadeira explosão de energias, cujos reflexos na zona consciente traduzem-se por manifestações agudas em distoantes comportamentos.

É de fácil compreensão que a zona consciente se prepare para recusar a carga interna que está fora de equilíbrio, mas não existe outro mecanismo de drenagem. A imposição no consciente se dará pela formação de campos energéticos que se sucedem como se fossem ondas em expansão; não havendo possibilidade de desvios, as cargas de energias defeituosas são canalizadas para a zona física, cujas usinas celulares absorvem em totalidade as imposições.

Ninguém se encontra no mundo para realizar, de modo integral, os desejos conscientes, aqueles que se desenvolvem principalmente em relação com os fatores do meio, mas os que a natureza íntima ou estrutura do inconsciente impõe, visando as necessidades evolutivas do ser. A tendência será sempre para o equilíbrio nos diversos setores da vida. O impulso da evolução é diretriz segura e correta em busca do bem comum; os meios para o alcance do equilíbrio dependerão sempre das atividades de cada um. Já se disse muitas vezes que somos o resultado das

atividades do nosso passado, como hoje plantaremos as sementes do nosso futuro.

No caso das distonias mentais de variada ordem, compreendemos que as reações estarão sempre relacionadas a um processo de desarmonia espiritual. Processo de tal ordem, oscilando em graus e coloridos diversos, pode indicar reações recentes e antigas, isto é, reações-respostas desencadeadas na atual vida carnal ou em vidas pretéritas, de menor ou maior demarcação nos arcanos do espírito.

Assim, teríamos reações desencadeadas perante o meio, tal qual acontece em certos tipos de ansiedades e depressões de ligeiras tinturas neuróticas, de mais fácil remoção em face da terapêutica instituída, e por não se alastrarem pelas zonas profundas do psiquismo. Seriam reações que mal atingiriam a zona do inconsciente atual; ficariam mais na elaboração do perispírito. Passariam a ser reações de fácil remoção, embora o lastro do trabalho compensatório fosse absorvido pelo espírito, ampliando as suas defesas e fortificando os impulsos pela “vacinação” psicológica que os sintomas sempre propiciam.

Quando as reações são desencadeadas pelas fontes desorganizadas do próprio espírito, teremos uma maior dificuldade de tratamento, pela mais difícil remoção das deficiências, embora o lastro de dores, impostos pelo processo, algum dia possa compensar o desequilíbrio. É lógico que a tendência de harmonia espiritual sempre se impõe pelo inarredável impulso da própria evolução. Temos que caminhar, avançar, evoluir; as pequenas paradas são interregnos de reajustes processuais e alicerces para novos impulsos.

Essa posição compensatória do espírito, diante das reações da vida, não quer dizer que fiquemos parados, aguardando o seu próprio trabalho de equilíbrio. Temos que ajudar; o mecanismo de conscientização na espécie hominal, convidou o homem a criar métodos e processos de trabalho. A ciência carrega consigo um lastro imenso de observações e pesquisas que não podem ser relegadas no esquecimento, e sim, cada vez mais buriladas e ampliadas. Os técnicos têm a obrigação de ajudar nas tarefas de reconstrução do psiquismo.

Tentar mostrar a conduta terapêutica ideal nas doenças mentais, em todos os seus graus, nas equações das neuroses, personalidades psicopáticas, psicoses e imenso quadro de

obsessões, ainda é de difícil tarefa. O arsenal terapêutico de nossos dias em muitos casos responde de modo compensador, em outros tantos as respostas são desanimadoras, porquanto estariam na dependência do encravamento do processo mental e do seu tempo reacional (resposta kármica). Pelas dificuldades de tratamento, devemos estudar cada caso em particular e lançar mão do que estiver ao nosso alcance, com equilíbrio e proba avaliação.

Todos os métodos terapêuticos têm sua utilidade, e, por isso, são requisitados no momento oportuno. Muitos benefícios tem sido observados com as drogas químicas, com os diversos métodos psicológicos onde estão incluídos a psicanálise, o método psicanalítico, a hipnose, a psicoterapia em geral, inclusive a espírita com os processos de desobsessão, passes magnéticos e terapia regressiva de vivências passadas.

Os horizontes estão como que clareando, pelas pesquisas bem coerentes sobre a mediunidade, e as posições sobre a imortalidade do espírito. Fica assim, a doutrina espírita ligada à ciência, em binômio esclarecedor; dum lado, o campo material, do outro, o inconsciente ou zona espiritual com seu imenso horizonte de propostas, onde a terapêutica espiritual já representa posição de destaque. Não podemos fugir dos atos que a miúdo se mostram e nos convidam a observações mais profundas.

No setor da patologia mental, o caminho de seu entendimento total não é obra dos nossos dias. Mas para que as luzes possam iluminar e mostrar, de futuro, os mecanismo mentais com bastante autenticidade, teremos desde agora, abrir caminhos e ascender as lâmpadas da boa vontade, do trabalho consciente e bem equacionado, afastando sectarismos improdutivos de toda ordem, a fim de mostrar através da ciência as razões infinitas do espírito imortal.

Os portadores de sintomas mistos, não bem definidos, desfilando mais nos campos das neuroses, ou mesmo com o quadro obsessivo, encontram grande melhora até mesmo cura integral, quando o processo religioso se reveste de fé raciocinada, tal qual acontece com a doutrina espírita quando bem entendida e principalmente vivida. Os diversos métodos de tratamento têm-se mostrado eficiente e com boa soma de benefícios, quando

existe integração com as máximas espíritas, pela mais bem lógica colocação da destinação e finalidade da vida.

Temos observado em número avultado de casos, indivíduos que quase nada tem conseguido com o Espiritismo, pela simples razão de haverem esperado um milagre, e, o que é mais incongruente, continuarem cultivando as anteriores atitudes desarmônica. Não é só o conhecimento, mas a penetração na essência da Doutrina Espírita e respectiva vivência de suas proposições que poderão propiciar a respectiva libertação. Apesar de tudo, repetimos, existe o componente kármico no cerne da questão que necessita ser conhecido para melhores indicações de tratamento. As reações kármicas são, em última análise, o remédio preciso para o espírito doente. A dor ainda é em nossa posição evolutiva o grande elemento de equilíbrio para as estruturas espirituais, embora saibamos da importância de outros fatores que mais bem lastreiam a evolução, como os de natureza moral.

Não podemos deixar de enfatizar que o esquema espiritual encontra-se dentro de propostas universalistas e, como tal, de acordo com o mecanismo holístico do universo, onde os autênticos eventos científicos são o grande destaque para as emoções e sensibilidade do intelecto. Os físicos e biólogos vêm apresentando grandes projeções espiritualistas no contexto das idéias científicas, a ponto de optarem por um universo inteligente e não mais mecanicista; um Universo que, antes de mais nada represente um amplo pensamento com direcionamento ajustado e harmonioso, já que estamos mergulhados em leis inteligentes.

O ser humano quando consciente da plenitude da vida imortal, sabe que é tônica importante do todo, isto é, de tudo o que existe. O impulso de luta e experiência faz parte de sua própria natureza. A experiência em si nunca é difícil, mas sim, as oposições, resistências, que dirigimos aos fatos com as nossas viciações. Nunca devemos lamentar momentos negativos do passado; jamais os nossos pensamentos podem por lá estacionar; eles serão sempre lastros e experiências para o presente, com vista ao futuro, onde devemos nos situar.

Estamos a cada dia nos acercando de um entendimento mais plausível e mais lógico sobre a imortalidade espiritual.

O grande segredo da vida está nos cuidados e atenções que damos ao trabalho, em expressões construtivas. Só colheremos os frutos sazonados da sabedoria se respeitarmos e nos harmonizarmos com a lei que nos envolve, leis que representam o próprio pensamento do Universo. Um autêntico místico, em construtivo trabalho de meditação, assim expressou:

*Eu disse a amendoeira:
"irmã, fala-me de Deus",
E a amendoeira floriu.*
